

NOOSFERA

EM UM NOVO TEMPO



KARLA MONIQUE KLÖPSCH

Nota da autora

Realizado como trabalho de conclusão da pós-graduação em Espiritualidade e Estudos da Consciência da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2024), este artigo nasce da intersecção entre investigação acadêmica e experiência vivida.

Inicialmente publicado na edição nº 20 da revista Khronos – Revista de História da Ciência da USP, este trabalho é pioneiro em introduzir informações sobre a Lei do Tempo ao campo das pesquisas científicas, além de ser um dos pouquíssimos artigos em português dedicados à Noosfera até hoje. O texto que vocês vão encontrar aqui é a versão original registrada em 12.12.2024, espelho lunar branco, com pequenas adaptações. O texto publicado na Khronos não contém a sessão da metodologia, nem esta nota, nem os agradecimentos.

Sendo a noosfera uma camada em permanente formação, somos nós os neurônios, pontos de luz em sinergia que dão forma a esse tecido vivo em contínua expansão. Que este artigo sirva à reflexão e à ampliação do conhecimento para que possamos participar ativamente e conscientemente desse processo em curso.

Agradecimentos

Este trabalho foi elaborado com profundo respeito, amor e dedicação, sendo acolhido pelo Sincronário da Paz desde a sua concepção. Sou muito grata a André Staehler por abrir os portais da Nova Terra e por proporcionar a publicação desta edição.

Sou grata à coragem dos pensadores que fundamentam este trabalho - Teilhard de Chardin, Vladimir Vernadsky e José Argüelles - cujas visões abrem caminhos para a compreensão da consciência e do tempo como forças evolutivas, bem como da noosfera como expressão latente dessa transformação.

Minha gratidão também aos amigos e grupos de estudos que mantêm viva a experiência do tempo natural, ampliando este campo para além da teoria.

Agradeço à minha família, fonte primordial de amor incondicional e inspiração para a experiência de viver neste agora.

Agradeço a Deus, ao meu Eu Superior e a todos os seres de luz que participaram desta criação.

Resumo

O estudo aborda a Noosfera como um paradigma evolutivo formulado por Teilhard de Chardin, Vladimir Vernadsky e Edouard Leroy, posteriormente amplificado por José Argüelles. A noosfera, a “camada pensante” da Terra, emerge da interconexão entre a coletividade consciente humana e o planeta. O trabalho enfatiza a relevância desse conceito para ressignificar a relação da humanidade com a sua natureza, sugerindo que uma expansão global da consciência é fundamental para construir o Porvir.

Palavras-chave: Noosfera; Evolução; Consciência; Transição planetária, Novo tempo

Sumário

1. INTRODUÇÃO	4
1.1 O Que é a Noosfera	5
1.1.1. Noosfera – Raízes Históricas e Conceito	5
1.1.2. Teilhard de Chardin e a Noosfera	7
1.1.3. Vladimir Vernadsky e a Noosfera	14
1.1.4. José Argüelles e a Noosfera	19
1.2 Um Paradigma Para Uma Nova Camada	25
1.2.1. A Crise e o Reconhecimento de Novos Paradigmas	25
1.2.2 Uma Visão Noosférica	27
1.2.3. Utopia e Transformação	29
1.3 O Tempo Como Fator Sincronizador da Noosfera	31
1.3.1 O Fator Maia	33
1.3.2. A Lei do Tempo	35
1.3.3. Um Manifesto Pela Noosfera	41
2. REFERENCIAL TEÓRICO	43
3. METODOLOGIA	44
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES	45
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
REFERÊNCIAS	50

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, o agravamento das crises ambientais e sociais tem chamado a atenção para a urgência de uma transformação profunda nas relações entre a humanidade e a Terra. O cenário atual, caracterizado pelo descumprimento das metas de mitigação climática, evidencia que as mudanças necessárias vão além das decisões políticas e econômicas dos líderes mundiais. Diante disso, termos como “espiritualidade ecológica”, “novo humanismo” e “transição planetária” emergem, sugerindo uma ressignificação do modelo de existir no planeta. O mundo enfrenta um chamado para agir de forma unificada e integrada. Essa mobilização requer uma revisão dos paradigmas vigentes, abrindo caminhos para uma nova orientação coletiva.

Sob essa perspectiva, a Noosfera surge como uma estrutura evolutiva central para a compreensão integral do papel do ser humano no mundo. Introduzido em 1926 pelos cientistas Teilhard de Chardin, Vladimir Vernadsky e Edouard Leroy, posteriormente aprofundado por José Argüelles, o termo *noosfera* representa uma nova era geológica que se desenvolve a partir do nascimento do pensamento humano. Após a biosfera, o invólucro mental, a noosfera. Em 2026 o conceito completará cem anos, exercendo um papel fundamental para a cultura do pensamento científico russo, enquanto no Ocidente permanece quase desconhecido.

Considerando essa realidade, o trabalho define como objetivos: investigar as raízes históricas e conceituais da noosfera, identificando suas diferentes vertentes de compreensão; revisar o paradigma antropológico contemporâneo e explorar os desafios que acompanham uma mudança de visão; estudar um modelo teórico que contribua para uma transformação em direção a uma sociedade mais consciente. Para alcançar esses objetivos, o artigo está organizado em três seções principais. Na primeira seção, aborda as origens e o conceito, destacando as contribuições de Teilhard de Chardin, Vladimir Vernadsky e José Argüelles. Na segunda parte, explora o contraste entre a Noosfera e o Antropoceno, avaliando suas implicações. Por fim, na terceira seção, através dos estudos de José Argüelles, aborda o tempo e a consciência como elementos centrais na ativação da noosfera.

Por meio de uma revisão bibliográfica qualitativa, este trabalho busca iluminar o legado de seus idealizadores e ampliar a compreensão da noosfera em um cenário de crescente complexidade. A pesquisa propõe um estudo integrativo, promovendo uma perspectiva sustentável e holística, fundamental para a sobrevivência e a evolução da humanidade.

1.1 *O que é a Noosfera*

Derivada do grego, *noos* significa “mente” e *sphaire* significa “esfera”. Noosfera é o termo utilizado para representar a camada pensante da Terra. Assim como a litosfera designa a superfície sólida e a biosfera compreende toda a substância viva do planeta, a noosfera corresponde à camada criada pelo pensamento humano.

A Noosfera representa também uma visão que delinea o próximo estágio evolutivo, onde a consciência coletiva redefine a relação entre humanidade e planeta. Essa abordagem incentiva a revisão dos modelos atuais, destacando a necessidade de repensar o papel do ser humano no cosmos, não como um simples componente do Universo, mas como o agente ativo da construção do futuro.

Com o objetivo de compreender as vertentes que fundamentam o conceito, este item explora suas raízes históricas, abordando as contribuições de Teilhard de Chardin, Vladimir Vernadsky e José Argüelles.

1.1.1 Noosfera – Raízes Históricas e Conceito

A formulação do conceito de *noosfera* surge do encontro entre três pensadores centrais do início do século XX: o geoquímico Vladimir Vernadsky, o paleontólogo e jesuíta Teilhard de Chardin e o filósofo e matemático Edouard Le Roy. O ponto de convergência desse encontro ocorre em Paris, em 1922, quando Vernadsky (1863–1945) passa a lecionar sobre geoquímica e biosfera na Sorbonne. Nesse mesmo ambiente acadêmico circulavam Teilhard de Chardin (1881–1955) e Edouard Le Roy (1870–1954).

Paralelamente às atividades na Sorbonne, Vernadsky desenvolvia pesquisas no Instituto do Rádio Marie Curie¹ (Magalhães, 2017, p. 153), contexto no qual, segundo Argüelles (2006, p.46), Vernadsky vem a conhecer o então Presidente da Comissão Internacional de Cooperação Intelectual da Liga das Nações, o filósofo

¹ Marie Curie (1867-1934) - Física e química, polonesa, pioneira nos estudos de radioatividade, fundou seu Instituto em 1909, junto a Universidade de Paris. Marie Curie foi a primeira mulher a ganhar o prêmio Nobel, a única mulher que o ganhou duas vezes e a única pessoa que o ganhou em dois campos científicos diferentes.

Henri Bergson². A partir desse conjunto de referências compartilhadas — Sorbonne, Instituto Marie Curie e o pensamento bergsoniano — Vernadsky, Teilhard e Le Roy passam a se reunir com frequência, consolidando conjuntamente a elaboração da teoria da *noosfera* (Vidal, 2023, tradução nossa; Lucarelli, 2019, cap. 1).

Le Roy é reconhecido como o primeiro a publicar o termo *noosfera*, em 1927³. No entanto, o registro mais antigo encontrado é o ensaio não publicado de Teilhard, intitulado *L’Hominisation*, de 6 de maio de 1925 (Vidal, 2023; Hamilton e Grinevald, 2015). De acordo com Hamilton e Grinevald (2015, tradução nossa), Le Roy baseia-se em discussões realizadas com Teilhard e Vernadsky, e incorpora elementos do ensaio *L’Hominisation* na fundamentação de sua obra. Segundo Jaseckova e Vartiak (2023, tradução nossa), Le Roy define a noosfera como a fase de evolução da Terra em que o Homo Sapiens entra em cena (hominização). Embora tenha sido o primeiro a publicar o termo *noosfera* e desempenhado um papel importante na introdução inicial do conceito ao campo intelectual da época, o desenvolvimento teórico e o aprofundamento conceitual da noosfera passam a concentrar-se majoritariamente nas formulações de Teilhard e Vernadsky. Dessa forma, Le Roy deve ser reconhecido por sua contribuição inaugural e pela primeira publicação do termo, ainda que sua participação no desenvolvimento posterior do conceito não tenha tido continuidade.

Hamilton e Grinevald (2015, tradução nossa) afirmam que a publicação de Le Roy - inspirada nos princípios teilhardianos e no ensaio “*L’Hominisation*” sobre biosfera e noosfera, o qual também incorpora elementos da obra de Eduard Suess⁴ (*La Face de La Terre*) – leva Vernadsky a adotar oficialmente o termo em seus estudos, embora com uma interpretação distinta: Vernadsky traz o paradigma da noosfera como o alvorecer do último de muitos estágios na evolução da biosfera realizado através da ação e da transformação humana, da transformação biogeoquímica, incluindo a transmutação de seus elementos (Hamilton; Grinevald, 2015, tradução nossa, apud Vernadsky, 1945, 2005)⁵. Vernadsky atribui a evocação da noosfera à inteireza e evo-

² Henri Bergson (1859-1941) – Filósofo e diplomata francês, ganhador do prêmio Nobel de Literatura em 1927. A filosofia de Bergson constitui uma das principais matrizes das obras de Le Roy e Teilhard, orientando suas reflexões sobre tempo, consciência e evolução e atuando como elemento de mediação conceitual entre esses pensadores.

³ LE ROY, Édouard. *L’Exigence idéaliste et le fait de l’évolution: conférences faites au Collège de France en 1925-1926*. Paris: Boivin, 1927

⁴ Eduard Suess (1831-1914) - Geólogo austriaco, nasceu em Londres, cunhou o termo “biosfera”.

⁵ VERNADSKY, W. I. *The Biosphere and the Noösphere*. *American Scientist*, v. 33, n. 1, p. 1-12, 194; VERNADSKY, V. I. *Some words about the Noösphere*. *21st Century Science & Technology*, Spring 2005. Original em russo de 1943. Ver também: VERNADSKY, 1945

lução da própria biosfera processada pelo pensamento científico humano. Segundo Magalhães (2017, p.155), Vernadsky não teve tempo de finalizar a sua elaboração da noosfera, mas deixa apontamentos sobre “algumas condições que norteariam a passagem da humanidade como um todo para esse nível.”

Teilhard, por sua vez, aprofunda a ideia ao longo de sua vida, especialmente em sua obra-prima *O Fenômeno Humano* (1938, publicada postumamente) e também em um ensaio contundente de 1947 intitulado *The Formation of the Noösphere* (Vidal, 2023, tradução nossa). Teilhard elabora uma teoria evolucionista que integra ciência e religião, descrevendo a Evolução do cosmos como um movimento unificado que avança em direção ao *Ponto Ômega* (Deus). Esse movimento abrange desde átomos, partículas, matéria até a vida, cultura e tecnologia (Vidal, 2021, tradução nossa).

A partir da década de 1980, José Argüelles, Ph. D em estética e história da arte, estudioso da ciência maia do tempo, amplia e difunde os estudos de Teilhard e Vernadsky, interpretando a noosfera como a mente planetária que emerge da consciência sincronizada ao tempo natural.

Teilhard de Chardin, Vladimir Vernadsky e José Argüelles compreenderam o mundo e o cosmos de maneira singular e, através de suas perspectivas, desenvolveram conceitos historicamente antes inexplorados, desafiando o entendimento do ser humano para com sua mente. Apesar de pontos distintos, em todos eles: a noosfera - a esfera do pensamento, ainda inalcançada pelos moldes da ciência moderna.

1.1.2 Teilhard de Chardin e a Noosfera

Por termos reconhecido e isolado, na história da Evolução, a nova era de uma Noogênese⁶, eis-nos forçados, correlativamente, a distinguir, na majestosa ordenação das folhas telúricas, um suporte proporcionado à operação, quer dizer, uma membrana a mais. Em volta da centelha das primeiras consciências reflexivas, os progressos de um círculo de fogo. O ponto de ignição se alargou. O fogo ganha terreno. Finalmente, a incandescência cobre todo o planeta. Uma só

⁶ “A *Noogênese*, do grego *nous*, “espírito”, “psique”, e *genesis*, “geração”, “origem”, “formação”, neologismo teilhardiano, designa o movimento do Universo enquanto este – por um processo de concentração gradual de seus elementos em sistemas cada vez mais ordenados e mais bem centrados – desemboca na emergência de uma Noosfera, num ponto alto da deriva de complexidade-consciência. A Noogênese é também uma precisão ou definição maior da “Psicogênese”. (Teilhard de Chardin, 1995, p.211)

interpretação, um só nome se acham à medida desse grande fenômeno. Exatamente tão extensiva, mas muito mais coerente ainda, como veremos, do que todas as camadas precedentes, é verdadeiramente uma camada nova, a “camada pensante”, que, após ter germinado nos fins do Terciário, se expande desde então por cima do mundo das Plantas e dos Animais: fora e acima da Biosfera, uma *Noosfera*. (...)

Não obstante o relevo e a harmonia que introduz nas coisas, esta perspectiva nos desconcerta de momento porque contradiz a ilusão e os hábitos que nos levam a medir os acontecimentos por sua face material. E parece-nos desmesurada também, porque, mergulhados nós mesmos no humano como um peixe no mar, a custo emergimos dele pelo espírito para apreciar sua especificidade e sua amplitude. Mas observemos um pouco melhor à nossa volta: esse dilúvio súbito de cerebralidade; essa invasão biológica de um novo tipo animal que elimina ou subjuga gradualmente toda forma de vida que não seja humana; essa maré irresistível de campos e de fábricas; esse imenso edifício crescente de matéria e de ideias... Todos esses sinais, que olhamos, quotidianamente, sem tentar compreender, não estão a nos gritar que algo, sobre a Terra, mudou “planetariamente”? (Teilhard de Chardin, 1995, p. 197)

Marie-Joseph Pierre Teilhard de Chardin nasceu em 1881 em um castelo próximo a Clermont-Ferrand, na França. De família nobre, patriarcal, tradicionalmente católica e conservadora, foi o quarto entre onze filhos. Seu pai, parente distante de Blaise Pascal⁷, sua mãe, Berthe-Adele, sobrinha-neta de Voltaire⁸. De seus pais herdou o amor à Deus e à natureza, paixões que guiaram toda sua obra e vida e resultaram num legado científico único, que traz a coragem de uma filosofia evolucionista capaz de unir ciência e religião (Lucarelli, 2019, cap.1).

Segundo Lucarelli (2019, cap.1) Teilhard era um acadêmico dedicado, estudioso e observador. cursou letras, filosofia e matemática elementar na Universidade de Clermont-Ferrand. Obteve certificados de geologia, ciências naturais, botânica, zoologia e antropologia pela Sorbonne. Tornou-se mestre e doutor e ensinou paleontologia e geologia no Instituto Católico de Paris.

Devoto à Companhia de Jesus desde os 18 anos, Teilhard enfrentou mudanças

⁷ Blaise Pascal (1623-1662) - Matemático, filósofo e teólogo francês.

⁸ Voltaire (1694-1778) - Historiador e filósofo iluminista francês.

significativas em sua trajetória devido à expulsão dos Jesuítas da França, em 1901, sendo aconselhado a seguir para a Inglaterra para dar continuidade aos seus estudos geológicos e teológicos, que foram temporariamente interrompidos pela Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Apesar de dispensado do serviço militar em 1902, voluntariou-se durante a guerra, atuando no *front* e socorrendo vítimas em campanhas militares francesas.

Após o término da guerra, Teilhard continuou a produzir obras que refletiam seus pensamentos evolucionistas. Esses escritos geraram reações entre bispos conservadores da Igreja, que se reportaram ao Vaticano solicitando seu silenciamento. Diante da resistência do Vaticano em aceitar suas teorias, Teilhard perde sua cátedra no Instituto Católico de Paris e é orientado a limitar suas publicações ao campo científico. É nesse período que Teilhard embarca para o que vem a ser seus vinte e três anos de exílio no Oriente⁹, onde realiza uma de suas descobertas mais significativas. Junto de sua equipe, Teilhard encontra, na noite de natal, o primeiro crânio (adulto e intacto) de um Sinantropo, um *Homo faber* das Terras Vermelhas, que vem a ser identificado como o primeiro habitante da China, atualmente classificado como *Homo erectus pekinensis* (Lucarelli, 2019 apud Sesé, 2005)¹⁰.

Entre 1938 e 1940, em Pequim, Teilhard escreve¹¹ *O Fenômeno Humano*, publicado apenas após sua morte e considerado sua obra-prima.

Entre os numerosos ensaios elaborados em que ele quis, sob diferente ângulos ou determinados aspectos, exprimir os seus pontos de vista sobre o acontecimento cósmico, *O fenômeno humano* ocupa um lugar importante e, sem dúvidas, central, em razão não somente de sua extensão, mas também de seu alcance fundamental (Teilhard de Chardin, 1995, p.17, prefácio de N.M. Wildiers).

Como uma “*Introdução a uma explicação do Mundo*”, Teilhard, através de uma visão hiper física, estabelece o Homem como centro de análise, procurando uma “ordem coerente entre consequentes e antecedentes”, descobrindo entre os elementos do Universo, “não um sistema de relações ontológicas e causais, mas uma lei experimental de recorrência que exprime seu aparecimento sucessivo do decurso do Tempo” (Teil-

⁹ Residindo na China, Teilhard realizou diversas expedições, incluindo viagens de pesquisa à Etiópia, Índia, Birmânia, Ilha de Java e África do Sul, Mongólia. Mesmo no contexto de exílio da Igreja, Teilhard dividia sua vida em temporadas entre China e França, em decorrência de sua carreira acadêmica (Lucarelli, 2019, cap.1).

¹⁰ SESÉ, Bernard. Pierre Teilhard de Chardin, 2005, p.72

¹¹ Observações sobre a data da escritura: Teilhard de Chardin, 1995, p.359

hard de Chardin, 1995, p.19). Teilhard se apoia nas “teorias que vão se amontoando umas sobre as outras” produzindo “caracteres que reaparecem obrigatoriamente em qualquer das explicações propostas para o Universo. É dessa “imposição” definitiva que exprime condições inerentes a toda transformação natural” que Teilhard se empenha a falar no estudo geral de *O Fenômeno Humano* (Teilhard de Chardin, 1995, p.41). Teilhard refere-se ao seu livro como uma dissertação científica e como:

“(…) uma memória de geologia ou de paleontologia, ele representa, no meu pensamento, uma contribuição científica para o uso da Ciência: um esforço para ordenar melhor o nosso conhecimento físico do mundo, abrindo ao Homem um lugar coerente até o fim, na Biologia” (Teilhard de Chardin, 1995, p. 376).

Na obra, Teilhard acompanha a linha da Evolução no Cosmos, desde a Pré-vida até a Sobrevida, passando pela Vida e pelo Pensamento, contemplando do átomo à estrela, o infinitamente complexo, o Dentro e o Fora das coisas. O fenômeno da consciência, já contido no grão da matéria, definido o “*Dentro das Coisas*”, representa o “*Estofo do Universo*”. Com o surgimento, “sem ruídos”, do Homo Sapiens, essa consciência se complexifica, adquirindo *Reflexão* e cria, por meio do pensamento, uma nova camada na Terra: a noosfera. A Evolução segue avançando rumo ao *Ponto Ômega* (Deus), que ao irradiar, suscita e mantém em grau máximo de convergência a unanimidade das partículas reflexivas do mundo (Teilhard de Chardin, 1995, p.300). Desde o “Nada do passado ao Todo do futuro”, Teilhard analisa o Homem não mais como um centro estático, mas como “eixo e flecha da Evolução”, que através de seu poder de *Reflexão*, eclode como “figura chave da epopeia universal” (Teilhard de Chardin, 1995, p.28, contracapa).

Para apreender a amplitude verdadeiramente cósmica do Fenômeno humano, era necessário que seguissemos suas raízes, através da Vida, até os primeiros envoltórios da Terra sobre si mesma. Mas, se quisermos compreender a natureza específica e adivinhar o segredo do Homem, outro método não há senão observar o que a Reflexão já deu, e o que ela anuncia, *para adiante* (Teilhard de Chardin, 1995, p.202).

Ao longo de sua obra, Teilhard desenvolve e define princípios, leis, conceitos, que vão se desmembrando e se revelando cada vez mais. No que concerne à noosfera, se-

gundo Cerdán (2020, tradução nossa), as três grandes etapas que sintetizam o passo da *Reflexão* e a sua implementação são: a geogênese, biogênese e a antropogênese. Todas elas presididas por três grandes leis fundamentais que se complementam mutuamente: a lei da complexidade-consciência, a lei da convergência e a lei da personalização, que dirigem a Evolução para a formação de um filo humano, no qual o Pensamento se transforma em uma energia física capaz de renovar a Terra.

A mudança de estado biológico que atinge o despertar do Pensamento não corresponde simplesmente a um ponto crítico atravessado pelo indivíduo, ou mesmo pela Espécie. Mais vasta do que isso, ela afeta a própria vida em sua totalidade orgânica, - e, por conseguinte, assinala uma transformação que afeta o estado do planeta inteiro.

(...)

Sob as pulsações da geoquímica, da geotectônica, da geobiologia, um único e só processo de fundo, sempre reconhecível: aquele que, depois de se haver materializado nas primeiras células, prolongava-se na edificação dos sistemas nervosos. A Geogênese, dizíamos, emigrando para uma Biogênese, que outra coisa finalmente não é senão uma Psicogênese (Teilhard de Chardin, 1995, p. 196).

A Vida dispõe de longos períodos geológicos para se desenvolver e a Humanidade, observada sob sua forma pensante, ainda é jovem, quase recém nascida. Por outro lado, o Pensamento, essa energia em plena expansão, demonstra, em apenas alguns séculos, uma promessa de um ciclo biológico inteiramente novo. Uma aceleração, um desabrochamento das forças da Evolução (Teilhard de Chardin, 1995, p.319).

Na verdade, para um geólogo imaginário que viesse, daqui a muito tempo inspecionar o nosso globo fossilizado, a mais espantosa das revoluções sofridas pela Terra situar-se-ia, sem equívoco possível, no início do que, com toda razão, se chamou o *Psicozóico*. E neste mesmo instante, para qualquer Extraterrestre capaz de analisar tanto psiquicamente quanto fisicamente as radiações siderais, a primeira característica de nosso planeta seria certamente o fato de este lhe aparecer não azul, de seus mares, ou verde, de suas florestas, - mas fosforescente de Pensamento.

O que pode haver de mais revelador para a nossa Ciência moderna é perceber que todo o precioso, todo o ativo, todo o progressivo originariamente contidos no retalho cósmico, do qual nosso mundo saiu, encontra-se agora centrado na “coroa” de uma Noosfera (Teilhard de Chardin, 1995, p. 198).

Teilhard de Chardin, no ensaio “*The Formation of the Noösphere*”, de 1947, aproximadamente dez anos após a escrita de *O Fenômeno Humano* (1938), afirma que baseia seus argumentos nas mais amplas fundamentações zoológicas e biológicas para desenvolver uma visão coerente da “Terra Pensante”, na qual ele acredita que podemos encontrar, sem distorções, mas ainda incorporando correções exigidas por uma mudança de ordem, todo o processo de Vida e vitalização (Teilhard de Chardin, 1947, tradução nossa). Na primeira parte do ensaio, Teilhard versa sobre o nascimento e a estrutura zoológica da noosfera, na parte dois, sobre a anatomia; na parte três, sobre a fisiologia e conclui afirmando que por razões de continuidade, homogeneidade, a fase final coletiva da evolução humana estabelece um tipo de ponto focal no coração do aparato reflexivo como um todo. Se admitirmos isso, toda a história humana aparece como um progresso entre dois pontos críticos: do ponto mais baixo da consciência elementar ao ponto final, ao ponto noosférico de *Reflexão* (Teilhard de Chardin, 1947, tradução nossa).

Por conseguinte, situado em meio às coisas com suas verdadeiras dimensões, o passo histórico da Reflexão é muito mais importante do que qualquer corte zoológico, seja aquele que assinala a origem dos Tetrápodes ou aquele dos próprios Metazoários. Dentre os escalões sucessivamente franqueados pela Evolução, o nascimento do Pensamento segue-se diretamente, e só é comparável, em ordem de grandeza, à condensação do quimismo terrestre ou ao próprio aparecimento da Vida” (Teilhard de Chardin, 1995, p.197)

Atualmente, alguns autores atribuem a Teilhard uma visão profética, associando o advento da globalização da internet à manifestação da noosfera. Para Vidal (2023, tradução nossa), a noosfera é concebida como um superorganismo planetário que abrange não apenas a humanidade, mas também a geosfera, a biosfera e a tecnosfera. Strobel (2023, tradução nossa) complementa essa visão ao descrever a noosfera como uma superorganização da matéria, viabilizada pela socialização e pela cooperação coletiva. Somente por meio da cooperação coletiva a humanidade será capaz de ativar plenamente o desenvolvimento da noosfera. Esse processo não ocorre por meio de atitudes individualistas, mas pela participação de todos na elevação da consciência universal. Teilhard acredita que a noosfera pertence não somente ao Universo e aos humanos, mas aos Humanos do futuro que através do seu esforço para construir

a noosfera, encontrarão a alma da terra (Strobel, 2023, tradução nossa, apud Stevens-Arroyo, 2011)¹².

Aqui explode a desproporção que falseia toda classificação do mundo vivo (e, indiretamente, toda construção do mundo físico) em que o Homem não figura logicamente senão como um gênero novo ou uma nova família. Erro de perspectiva que desfigura e descoroa o Fenômeno universal! Para dar ao Homem o seu verdadeiro lugar na Natureza, não basta abrir nos quadros da Sistemática uma seção suplementar, - mesmo uma Ordem, mesmo um Ramo a mais...Pela hominização, a despeito das insignificâncias do salto anatômico, é uma Idade nova que começa. A Terra “muda de pele”. Melhor ainda, encontra a sua alma (Teilhard de Chardin, 1995, p. 197).

Aos 73 anos, em 10 de abril de 1955, Teilhard faleceu, em Nova York, num domingo de Páscoa. Teilhard dedicou sua vida à Deus e às ciências naturais. Um peregrino, “*globe-trotter*”. Foram anos de viagens, pesquisas, escavações e descobertas importantes para paleontologia e geologia, cujos resultados oportunizaram grande reconhecimento da comunidade científica, tal como o posto de oficial na Legião de Honra da França¹³, sendo “considerado nos domínios da geologia e da paleontologia como uma glória para ciência francesa”. Teilhard também participou do Museu de História Natural de Nova York, foi Conselheiro do Serviço Geológico da China, supervisor geral da Sociedade Geológica Chinesa, foi premiado com o prêmio Viquesnel pela Sociedade de Geologia da França, foi Diretor de Pesquisas no Centro Nacional de Pesquisa Científica, em Paris e, pelo Museu Americano, foi incluído num seleto grupo de geólogos significativos do mundo, cuja finalidade era tomar decisões a respeito das pesquisas geológicas realizadas no planeta Terra. Filósofo, teólogo, paleontólogo, geólogo, poeta, místico e cientista. Foram 365 trabalhos em diversas áreas, dentre eles 150 foram estritamente científicos. Em vida, as publicações da obra de Teilhard se mantiveram no âmbito científico. As publicações envolvendo mística, filosofia, evolução e ciência, hoje já mais reconhecidas, mas anteriormente refutadas e proibidas pela Igreja, tal qual *O Fenômeno Humano*, foram todas publicadas *post mortem*, graças a sua secretária Jeanne-Marie Mortier, que criou a Fundação Pierre Teilhard de Chardin, em 1964, juntamente com o patrocínio da Rainha Maria-José da Bélgica (Lucarelli, 2019, cap 1)

¹² STEVENS-ARROYO, A. M. *Fire and Force: Civilization as Noosphere in the Works of Teilhard de Chardin. Dialogue and Universalism*, v. 21, n. 1, p. 53-65, 1959.

¹³ A mais importante condecoração honorífica francesa.

1.1.3 Vladimir Vernadsky e a Noosfera

O homem pelo seu trabalho e sua atitude consciente em relação à vida está refazendo um envelope terrestre, o domínio geológico da vida, a biosfera. Ele está transformando-a em um novo estado geológico, a noosfera.

Ele cria na biosfera novos processos biogeoquímicos que não existiam antes. Um fenômeno planetário, a história biogeoquímica dos elementos químicos tem mudado notavelmente.

Uma imensa forma nova de energia biogeoquímica está representada pela obra tecnológica do homem, guiada complexamente pelo seu pensamento. É interessante que o aumento, no curso do tempo, do maquinário na estrutura da sociedade humana também se faça em progressão geométrica, exatamente como a reprodução de qualquer espécie de matéria vivente, inclusive o homem.

Os governantes deveriam estar cientes do processo elemental atual de transição da biosfera para a noosfera. A propriedade fundamental da energia biogeoquímica é claramente revelada no crescimento da energia livre da biosfera com o progresso do tempo geológico, especialmente da sua transição para a noosfera (Argüelles, 2006, p.50 apud Vernadsky)¹⁴

Vladimir Ivanovich Vernadsky (1863-1945) nasceu em São Petesburgo. Seu pai, professor de economia política, sua mãe, professora de música. Fortemente influenciado por seu pai e também pelo seu tio, que o introduziu à filosofia e aos trabalhos de Darwin, Buffon e Lamark, formou-se em ciências naturais pela Universidade de São Petesburgo, sendo aluno, entre diversos cientistas, de Mandeleev¹⁵ (criador da tabela periódica), Dokuchaev¹⁶ (fundador da Pedologia), Butlerov¹⁷ (fundador da escola de químicos orgânicos), I.M.Sechenov¹⁸ (pai da Fisiologia Russa). Ao averiguar quem foram seus

¹⁴ VERNADSKY, V. I. *Problems in Biogeochemistry II. Transactions of the Connecticut Academy of Arts and Sciences*, New Haven: Yale University Press, 1944. p. 487-488, 498.

¹⁵ Dmitri Ivanovic Mendeleev (1834-1907), cientista russo, químico, criador da primeira versão da tabela periódica.

¹⁶ Vasily Dokuchaev (1846-1903), cientista russo, geólogo, químico, fundador da Pedologia – a Ciência do Solo. Dokuchaev é um grande nome para ciência Russa. No Brasil, em 2022, a Universidade Estadual do Maranhão inaugurou o Museu Dokuchaev de Solos, Minerais e Rochas.

¹⁷ Aleksandr Butlerov (1828 – 1886), cientista russo, químico, criador da Teoria de Estruturas Químicas, fundador da escola de Químicos Orgânicos, e entre diversos grandiosos créditos, a cratera da lua foi batizada em sua homenagem, a cratera de Butlerov.

¹⁸ Ivan Mikhaylovich Sechenov (1829-1905), cientista russo, “pai da fisiologia Russa.”

professores, podemos compreender que Vernadsky não só recebeu aulas, mas também vivenciou e participou de uma revolução científica (Edmunds; Bogush, 2012, tradução nossa). Vernadsky passou por períodos de estudos na Europa, doutorou-se, lecionou mineralogia e cristalografia na Universidade de Moscou. Suas pesquisas de campo foram fundamentais para a criação da indústria do alumínio e para o desenvolvimento econômico da União Soviética. Entre 1917 e 1921, Vernadsky criou a Academia de Ciências da Ucrânia e, em 1922, o Instituto do Rádio em São Petesburgo. Vernadsky foi casado e teve dois filhos. Com pensamento declarado de esquerda, teve uma jornada política significativa. Foi deputado do novo parlamento Russo e lutava contra o tratamento antidemocrático czarista dado às universidades. Fundador da disciplina de biogeoquímica, Vernadsky publicou 416 trabalhos científicos, falava mais de 20 línguas e é considerado um dos mais iminentes cientistas soviéticos (Magalhães, 2017; Edmunds e Bogush, 2012, tradução nossa).

“O lugar e o papel de Vernadsky na ciência russa é virtualmente igual ao de Einstein na ciência do Ocidente” (Argüelles, 2006, p.44; Edmunds e Bogush, 2012, tradução nossa). Mesmo com um legado científico fundamental (e emergente) para a compreensão do planeta Terra como um sistema interconectado, suas obras tardam a ser traduzidas. *A Biosfera* (1926), considerada obra-prima de Vernadsky, na qual o autor aprofunda o conceito iniciado por Eduard Suess (o criador do termo “biosfera”), ganhou uma tradução para o francês em 1929, uma tradução para o inglês em 1997 e, em português, foi traduzida recentemente, em 2019, pela Editora Dantes. No Brasil, poucos são os artigos que versam sobre Vernadsky. O principal artigo em português utilizado como referência para este trabalho é a tradução do primeiro capítulo da obra não finalizada de Vernadsky - *O Pensamento científico como fenômeno planetário*¹⁹ – realizada por Ana Torrejais e Gildo Magalhães, publicada pela revista Khronos/USP, em 2017. Segundo Argüelles (2006, p.44), esse desconhecimento da obra de Vernadsky é consequência da grande divisão das relações humanas (oriente/ocidente) gerada pela Guerra Fria e também pelo fascínio da ciência ocidental pelo materialismo científico. Vernadsky apresenta “uma visão mundial biogeológica organicamente integrativa e é a base daquilo que na ciência russa foi chamado de *cosmismo*”²⁰ (Argüelles, 2006, p.44). A obra de Vernadsky agora tem sido considerada uma das pioneiras do século passado,

¹⁹ O texto foi publicado em russo de forma integral em 1991 e traduzido para o inglês em 1997. A tradução em inglês é o texto oficial utilizado pela graduação e pós-graduação do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. (Magalhães, 2017, p.155).

²⁰ Sobre cosmismo Russo, vide referências bibliográficas; GUÉRCIO, Maria Rita.

pois define a biosfera através de um conceito unificador e holístico em uma época em que o reducionismo era a motivação motriz da investigação científica (Edmunds; Bogush, 2012, tradução nossa).

É importante observar que o legado de Vernadsky é amplamente reconhecido na Rússia e na Ucrânia, refletindo sua importância científica e cultural. Na Ucrânia, o Ministério da Educação e Ciência mantém uma estação de pesquisa na Antártica, chamada de “*Vernadsky Station*” e um navio de pesquisas, um quebra-gelos, chamado “*Noosphere*”. A Biblioteca Nacional do país leva seu nome, “*Vernadsky National Library of Ukraine*”. Em Moscou, seu impacto é celebrado pelo Museu de Geologia e pelo “*Vernadsky Institute of Geochemistry and Analytical Chemistry*”. Seu nome também está presente em uma estação de metrô, uma avenida, montanhas, minas, moedas, e até uma cratera na Lua foi batizada em sua homenagem (Edmunds; Bogush, 2012, tradução nossa).

Vernadsky publicou assiduamente diversos estudos (principalmente entre 1920 e 1930) nas áreas de mineralogia, cristalografia, geologia, radiologia, geoquímica, biogeoquímica, química, bioquímica, pedologia, hidrologia, meteorítica, história da ciência e filosofia, mas, o propósito central da vida dele era o estudo da Biosfera e das funções geoquímicas da Substância Viva (Edmunds; Bogush, 2012, tradução nossa).

A Substância Viva, mesmo constituindo cerca de décimos por cento do volume total da matéria na biosfera, é quem desempenha o papel principal na transformação da geosfera, através das suas funções biogeoquímicas (Pylypenko e Ivashchenko, 2022, tradução nossa, apud Vernadsky 1987²¹, p.220; Magalhães e Torrejais, 2017, p.159). Estas funções biogeoquímicas “são o resultado da manifestação natural de bilhões de indivisíveis vivos, que se revelam em conjunto em certos processos químicos, que podem ser classificados em cinco grupos: 1) funções gasosas; 2) funções de concentração; 3) funções de oxirredução; 4) funções bioquímicas, e 5) funções biogeoquímicas humanas – Homo Sapiens (Pylypenko e Ivashchenko, 2022, tradução nossa, apud Vernadsky 1987, p.222). A biosfera, como invólucro terrestre que envolve a totalidade do globo, é condicionada por essa matéria viva que a povoa. “Existe uma troca ininterrupta de matéria e energia entre a parte inerte e abiótica da biosfera, os seus corpos naturais inertes e a matéria viva.” Ao longo do tempo, esse *fluxo biogênico de átomos* (evidenciado pelos processos de respiração, nutrição, reprodução, etc.) se manifesta pelo equilíbrio

²¹ VERNADSKY, V. I. *Chemical Structure of the Earth's Biosphere and Its Surroundings*. Moscow: Nauka, 1987

regular da mudança, sempre em busca de estabilidade (Magalhães; Torrejais, 2017, p.158).

Quando em Paris (conforme item 1.1.1), Vernadsky dedica-se ao conceito de noosfera, desenvolvendo seu próprio estudo ao longo de seus últimos anos de vida. Entre 1937 e 1938, Vernadsky escreve “*O pensamento científico como fenômeno planetário*”, que viria a ser a sua teoria completa sobre a noosfera, porém, o esboço foi interrompido pelas dificuldades da 2ª Guerra Mundial (1939-1945) (Magalhães, 2017, p.155). Aqui um trecho de suas palavras originais:

Man like every living organism is inseparably linked with a certain geological envelope of our planet (the Biosphere), which is sharply different from others and whose structure is defined by its original organisation. With the evolution of species, the reflection of living matter in the environment is sharply changed. So the evolution process is transferred to the natural abiotic and biotic matter: in soils, surface and groundwaters, coal, bitumen, limestones, organogenic ores, etc. Evolution of species passes to the evolution of the Biosphere. However an intensive increase of influence of one species, civilised mankind, on the change of the Biosphere can be observed over the last thousand years. Thus, the evolutionary process receives special geological significance due to the fact that it has created a new geological force— scientific thought of social mankind. ’(Edmunds; Bogush, 2012 apud Vernadsky, 1977)²²

Com tradução nossa para o português: o homem, como todo organismo vivo, está diretamente ligado a uma camada geológica do planeta (a Biosfera), que é completamente diferente das outras camadas e cuja estrutura é definida por sua organização original. A interação da matéria viva com seu ambiente muda radicalmente com a evolução das espécies. Assim, o processo evolutivo é transferido para a matéria natural abiótica e biótica: nos solos, águas superficiais e subterrâneas, carvão, betume, calcários, minérios organogênicos, etc. A evolução das espécies passa a ser a evolução da biosfera. No entanto, podemos observar nos últimos mil anos um aumento da influência de uma espécie específica na transformação da biosfera, a humanidade civilizada. Com isso, o processo evolutivo adquire um significado geológico especial devido ao fato de

²² VERNADSKY, V. I. *Scientific Thought as a Planetary Phenomenon (Incomplete Edition)*. Moscow: Nauka, 1977. (Em russo).

ter criado uma nova força geológica – o pensamento científico do homem social.

Vernadsky traz a primazia da vida como uma força geológica, demonstrando que a vida faz a geologia, não sendo apenas uma força geológica, mas sim, *a força geológica* (Edmunds; Bogush, 2012, tradução nossa). E a vida, como a principal força geológica existente, tem criado outra nova força geológica, o pensamento científico.

Na história do pensamento científico, do conhecimento científico e do seu desenvolvimento histórico, revela-se um novo aspecto, previamente não reconhecido. Esta história não deve ser considerada somente como a história da ciência humana. Ao mesmo tempo, ela é a história da criação de uma nova força geológica na biosfera – *a força do pensamento científico*, algo que não estava disponível anteriormente na biosfera. Esta é a história da manifestação de um novo fator geológico, uma nova expressão do estado organizado da biosfera. Esse fator formou-se espontaneamente, como um fenômeno natural, durante várias dezenas de milhares de anos. Esta história não é fortuita, como qualquer fenômeno natural: ela é regular, no curso do processo paleontológico dependente do tempo, em que se criou o cérebro do *homo sapiens* e o ambiente social onde (em consequência, como um processo natural relacionado), o pensamento científico, esta nova força geológica conscientemente dirigida, está sendo criado. (Magalhães; Torrejais, 2017, p.166)

Em 1941, durante a 2ª Guerra Mundial, Vernadsky é evacuado junto com sua família de Moscou para o Cazaquistão, só retornando em 1943. Em 1944, ele escreve “*A few words about Noosphere*”, considerando que a biosfera, sob a influência da industrialização e do pensamento científico estava gradualmente mudando de estágio, se tornando a esfera da razão, a noosfera (Edmunds; Bogush, 2012, tradução nossa). Vernadsky faleceu em 1945, em Moscou.

Assim, para Vernadsky, com o surgimento da espécie humana é a própria biosfera (que inclui desde camadas geológicas das rochas, até as partes superiores da estratosfera) que está continuamente em evolução, e não somente as espécies nela contidas. A organização interna da biosfera para Vernadsky é que dita a evolução. Em consequência, o pensamento humano criativo, ou como ele o chama, “científico”, é visto como uma nova “força geológica” na biosfera, qualitativamente diferente das forças físico-químicas e biológicas. Foi isto o que passou a dar à biosfera

o caráter distinto de “noosfera”, ou esfera da razão, através do fenômeno do conhecimento humano. (Magalhães, 2017, p.155)

Vernadsky demonstra que a noosfera emerge como o próximo passo na evolução da biosfera, onde o pensamento humano, antes indisponível, se torna uma nova força geológica, desempenhando um papel crucial na transformação biogênica dos átomos, criando por fim, a noosfera.

A noosfera é um novo fenômeno geológico em nosso planeta. O surgimento de cada nova camada no planeta Terra transforma a complexidade da forma de existência anterior. Pela primeira vez, o homem se torna a maior força geológica existente. O mundo civilizado forma uma camada fina de organismos inteligentes e sua esfera de atividade. A noosfera é uma época histórica nos anais da crosta terrestre (Pylypenko; Ivashchenko, 2022, tradução nossa).

1.1.4 José Argüelles e a Noosfera

Se a biosfera, como sistema integral, está tendendo a uma transformação total de todo o sistema integral para um estado conhecido por noosfera, um fato percebido por Vernadsky durante a sua vida e, sendo as suas duas questões não respondidas, as questões sobre o tempo e a consciência, ambas dimensões materialmente intangíveis, não parece correto então que a resolução dessas duas questões fomentará realmente a manifestação da noosfera que afinal de contas é o envelope mental da Terra? (Argüelles, 2006, p.60)

Filho de pai mexicano e mãe germano-americana, José Argüelles (1939-2011), nasceu em Rochester, Minnessota e passou a sua infância no México. Doutorado em estética e história da arte, graduou-se na universidade de Chicago, lecionou em diversas instituições e universidades, incluindo a Universidade de Princeton, da Califórnia, do Colorado, de São Francisco, o Instituto de Arte de São Francisco, o Instituto Naropa, entre outras. Cientista, escritor, artista, vidente, visionário. Suas obras literárias receberam traduções para diversas línguas. Suas pinturas foram expostas em museus e galerias de arte e seus murais ainda podem ser vistos no departamento de psicologia da Universidade da Califórnia, em Davis, e, no *The Evergreen State College*, em Olympia, Washington (Argüelles, 2005, cap.1; 2006, prefácio).

Como estudioso de religião comparada e pensamento mundial, Argüelles fez contribuições significativas para a pesquisa sobre o *I Ching*. Entre os seus instrutores está Chögyam Trungpa Rinpoche, mestre budista tibetano, figura central na introdução do Budismo Vajrayana no Ocidente. Reconhecido como um dos criadores do conceito do Dia da Terra e fundador do Festival *Whole Earth*, Argüelles recebeu uma menção especial do Estado da Califórnia por sua contribuição à arte e à cultura. Em agosto de 1987, Argüelles realizou o evento planetário chamado Convergência Harmônica²³, para o qual convocou milhares de pessoas a participar de uma meditação coletiva global sincronizada em prol da paz no planeta (*Law of Time*, 2024). Em conjunto com a Convergência Harmônica, Argüelles lançou *O Fator Maia, Um Caminho Além da Tecnologia*, sua obra literária que lhe rendeu grande reconhecimento internacional. Nesta obra, Argüelles sintetiza seus muitos anos de estudo da ciência maia, descrevendo histórica e matematicamente um sistema de intersecções numéricas e cíclicas entre o *Tzolkin* - calendário maia pré-colombiano, o *I Ching* e outros elementos do budismo, xamanismo e de culturas ancestrais, que juntos vão culminar, entre muitas descobertas, na decodificação da Lei do Tempo, conceito a ser explorado no último item.

O verdadeiro “fim da ciência”, a tão antecipada mudança radical significa a renúncia à ideia de um progresso contínuo. Ou, pelo menos, uma renúncia suficientemente longa para descobrir se não podem existir ciências não-físicas ou não materialistas que transcendam totalmente a noção de progresso – e não progresso. É claro que o mito do progresso científico e da superioridade tecnológica não poderia receber golpe maior do que a descoberta de que existiu uma ciência mais avançada antes do surgimento do mito do progresso, praticada por um povo que, pela avaliação moderna, ainda estava na Idade da Pedra. Mais especificamente, estou me referindo a um sistema de pensamento virtualmente desprezado por todos os proponentes da “nova ciência”. Esse sistema de pensamento é a ciência conhecida praticada por um povo antigo chamado maia (Argüelles, 2005, p.17).

Em 2002, Argüelles recebeu o reconhecimento de nove anciãos indígenas no topo da Pirâmide do Sol, em Teotihuacán, no México, por regenerar o saber tradicional e

²³ <https://www.washingtonpost.com/archive/lifestyle/1987/08/17/o-hum-all-ye-faithful-harmonic-convergence-ushers-in-a-new-age/a2bf1095-6436-4e2e-abd8-ca37655662dc/>

despertar a humanidade para um significado de um novo tempo. Em 2003, foi reconhecido publicamente pelo arcebispo da Igreja Ortodoxa Copta de São Petersburgo, Rússia, como o portador da profecia maia. Em 2010, no México, Argüelles foi condecorado com a Medalha da Paz Nicholas Roerich²⁴ pelo seu trabalho e esforço de toda uma vida para a promoção da paz através da cultura (Argüelles, 2006, prefácio; *Law of Time*; South, 2020b, cap.6). José Argüelles, irmão do poeta Ivan Argüelles, teve dois filhos do primeiro casamento. Percorreu sua jornada maia, primeiramente, junto a sua segunda esposa, Lloydine Burris Argüelles, e posteriormente, com Stephanie South, a *Rainha Vermelha*²⁵, sua biógrafa, sucessora, guardiã de seu legado, com quem permaneceu até o final de seus dias. Argüelles faleceu em março de 2011, na Austrália (*Law of Time*, 2024).

Os estudos científicos de Argüelles, ao longo de sua vida, foram se mesclando com sua jornada espiritual, que teve início aos seus quatorze anos. Quando desce as escadas da pirâmide do Sol, “espantado e maravilhado com a grandiosidade da cidade de Teotihuacan”, faz um juramento a si mesmo: “seja o que for que tenha acontecido aqui, eu vou saber – não apenas como um estrangeiro ou como um arqueólogo, mas como um verdadeiro conhecedor, um vidente” (Argüelles, 2005, p.26). Conforme suas palavras, a partir desse momento, sua vida foi dedicada a um conhecimento não apenas *sobre* as coisas, mas a um conhecimento que vem de *dentro* das coisas. E nesse contexto é importante destacar que, devido à invasão espanhola, grande parte dos registros históricos das antigas civilizações mesoamericanas foi destruída, restando escassas evidências físicas dessa herança cultural. Em contrapartida, Argüelles, em sua trajetória maia nomeado como Valum Votan²⁶, assumiu o manto da profecia da tradição de Chilam Balam²⁷ recebendo

²⁴ <https://roerich.org.br/pacto-roerich/>

²⁵ "Rainha Vermelha" designa uma força arquetípica de energia. O vermelho representa a cor da iniciação, enquanto "Rainha" faz referência à matriz feminina (South, 2020b, p. 67). Esse nome também está associado às tumbas de Pacal Votan (603-683 -D.c) - um dos maiores governantes da civilização Maia – e da Rainha Vermelha, descobertas, respectivamente, em 1952 e 1994. A primeira tumba foi encontrada pelo arqueólogo Alberto Ruz Lhuillier, e a segunda, sob a liderança do arqueólogo Arnoldo González Cruz. A tumba de Pacal Votan, única por seu estilo de pirâmide semelhante às egípcias, localiza-se em Palenque/México, no Templo das Inscrições. Essa descoberta é considerada uma das mais relevantes da arqueologia maia, pois revela um sarcófago ricamente decorado e inscrições detalhadas relacionadas à cosmologia e à história maia. Já a tumba da Rainha Vermelha, situada nas proximidades da tumba de Pacal Votan, no Templo XIII, recebe esse nome devido à coloração vermelha intensa que cobre seus ossos e o interior do túmulo (South, 2020b, cap.4).

²⁶ Valum Votan (José Argüelles), “portador da linhagem profética dos maias galácticos” (South, 2020b, p.48). “Os maias galácticos são navegadores planetários e mapeadores do maior campo psíquico da Terra, do sistema solar e da galáxia além. Eles são uma cultura telepática” (South, 2020b, p.58).

²⁷ “Sobre a tradição profética de Chilam Balam, veja *The Book of Chilam Balam of Chumayel*, editado e traduzido por Ralph L. Roys (Norman, Okla: Editora da Universidade de Oklahoma, 1967)(Argüelles, 2006, p.18, rodapé).

transmissões e canalizações que permitiram o descobrimento e o aprofundamento dos códigos matemáticos e astronômicos deixados pelos maias (Argüelles, 2006, p.17).

A questão de ser um "mensageiro profético" é delicada a muitas pessoas. Todavia, como diz o Alcorão, "Em verdade estamos sempre enviando mensageiros..." (44:5). Mensageiros frequentemente são auto-revelados e confirmados somente por Deus. No meu caso, pude seguir desde as origens da linhagem profética do Chilam Balam até Pacal Votan, de quem eu recebi transmissões diretas. O método de transmissão é similar à tradição terma do Tibet. *Terma*, ou “*tesouro oculto*”, é deixado por um mago ou profeta para ser “descoberto” em um momento preciso, muito mais tarde no tempo, por uma pessoa designada para essa tarefa (Argüelles, 2006, p.18, rodapé)²⁸.

Desde o início de suas pesquisas, Argüelles diz-se motivado por uma consciência intuitiva da totalidade intrínseca dos seres humanos e pelo conhecimento de que “essa totalidade é um reflexo da Terra, do sistema solar e do próprio cosmos como um todo” (Argüelles, 2006, p.15). Suas obras formam um crescente *continuum* de conhecimentos – uma sequência que se revela e se complementa, resultando em um conjunto de trabalhos que versam sobre a história cósmica, o conhecimento do tempo e da consciência. Argüelles tornou-se o decodificador da Lei do Tempo - cujas “concepções de tempo ultrapassam qualquer coisa que a imaginação ocidental possa conceber” (Argüelles, 2006, p.16) - e, um importante ativista da noosfera.

Em 1996 e 2006, Argüelles convocou o primeiro e o segundo Congresso Planetário de Direitos Biosféricos, eventos que aconteceram em Brasília/BR. Em 2009, como membro da Assembleia Espiritual-Ecológica da Noosfera, em Moscou, lançou o primeiro Fórum Mundial da Noosfera²⁹, evento que evoluiu para uma série de congressos biorregionais sincronizados (Argüelles, 2012, p.26, tradução nossa). Lançado em 2012, após sua morte, *Manifiesto por la noosfera* foi o primeiro livro integral sobre a noosfera a ser publicado no Ocidente (Argüelles, 2012, p.31), ainda sem tradução para o português.

Apesar de sua importante contribuição à história da noosfera, as referências acadêmicas a José Argüelles permanecem discretas, geralmente associadas ao contexto

²⁸ Para Terma, veja *Tulku Thondup Rinpoche, Hidden Teachings of Tibet: An Explanation of the Terma Tradition of Tibetan Buddhism, Boston: Wisdom Publication, 1997.* (Argüelles, 2006, p.18, rodapé)

²⁹ <https://www.noosphereforum.org/main.html>

do movimento *New Age* (Vidal, 2023; Cerdán, 2020; Hubbes, 2021; tradução nossa). Essa descrição pode ser atribuída ao fato de que sua obra desafia as estruturas científicas vigentes, muitas vezes não se encaixando nos modelos dominantes. No entanto, Argüelles deu voz e amplificou os estudos de Teilhard e Vernadsky, sendo sua atuação fundamental para o aprofundamento e difusão do conceito de noosfera.

Argüelles, em seu livro *O Tempo e a Tecnosfera – A Lei do Tempo nas Relações Humanas* (2006) apresenta a Lei do Tempo por meio de uma análise do 11 de setembro, o *Evento Inevitável*, explicando, através de suas lentes, a “dinâmica da biosfera em seu processo de transformação para a noosfera” (Argüelles, 2006, p.31). Nesse contexto, Argüelles examina o processo de ruptura da tecnosfera³⁰, que, segundo ele, ocorre pela compreensão do tempo e da consciência.

Em primeiro lugar, digamos que a noosfera já existia desde que a vida se instituiu na Terra. Nesse sentido, a noosfera é a soma das interações mentais de toda a vida. (...) Sendo uma função de sistema integral da Terra e fundamental ao funcionamento da biosfera como uma combinação de ciclos nos quais o orgânico e o inorgânico interagem em uma ordem estabelecida de transmutações químicas, a noosfera também deverá ser o campo coordenador mental ou programa desse complexo de interações vitais. Deverá, portanto, ser uma característica da evolução da biosfera que a noosfera se mantenha inconsciente até que um momento significativo seja alcançado – o clímax do ciclo da combustão biogeoquímica, a promulgação da transição da biosfera-noosfera.

Como campo mental da Terra, essa transição deve ser um ato de auto-reflexão coletiva que coloque a noosfera em uma consciência ativa. Definida como o envelope mental da Terra, a noosfera somente pode entrar em manifestação consciente por meio de uma auto-reflexão coletiva, proposta pela mudança do calendário. E mais, como envelope mental da Terra, acima e em descontinuidade com a biosfera, a noosfera – esfera mental – apenas pode significar uma coisa: o advento da telepatia universal entre os seres humanos (Argüelles, 2006, p.155).

³⁰ “Esfera global da tecnologia; estágio artificial entre a biosfera e noosfera, que representa o ápice – a combustão biogeoquímica – de aceleração da migração biogênica de átomos que precipitam a crise na biosfera como um prelúdio ao advento da noosfera; caracterizadas pelas curvas exponenciais da população humana, da máquina e do dinheiro às custas da integridade e da estabilidade biosféricas; definida como o ciclo específico de 56 anos (dois ciclos gregorianos de 28 anos), 1945-2001, nos quais guerra e terrorismo são os aspectos regentes; completa manifestação da ordem do tempo 12:60, concluída com o Evento Inevitável em 11 de setembro de 2001” (Argüelles, 2006, p.291).

A mudança de calendário citada por Argüelles refere-se à alteração do sistema atual macro organizador da sociedade, o calendário gregoriano, que gera uma frequência artificial mecanicista chamada de “12:60”, para o sincronário de 13 luas, que sincroniza a humanidade à frequência do tempo natural “13:20”. Esse conhecimento é oriundo da Lei do Tempo e será explorado ao final do trabalho.

Nesse momento é importante compreender que para Argüelles a noosfera representa a planetização da consciência. Segundo ele, a ativação da noosfera é essencial para conduzir o planeta Terra para além da crise gerada pela tecnosfera, em direção ao equilíbrio da biosfera e à expansão da consciência humana, que, nesse cenário, atua como o próprio mecanismo regulador da noosfera. Considerando que o desenvolvimento da mente e a expansão da consciência são os caminhos para um grau mais elevado de conhecimento e comunicação (Argüelles, 2005, p.35), Argüelles argumenta que uma globalização genuína da consciência através da ciência do tempo, só poderá ser aplicada a partir de uma ruptura radical do contínuo histórico (Argüelles, 2006, p.37). Segundo Argüelles, a evolução da consciência é inseparável do tempo e a evolução do tempo é inseparável da consciência (Argüelles, 2006, p.75).

Na evolução do tempo como consciência, a descoberta da Lei do Tempo é um produto da crise da consciência incapaz de se sustentar no ambiente da tecnosfera. Isto é porque esse ambiente é uma função pura do tempo artificial 12:60. Mesmo que as extensões dos sentidos e a capacidade tecnológica deem ao ser humano na biosfera uma perspectiva holística de ver toda a Terra do espaço, a consciência está continuamente subordinada ao cuidado e à manutenção da máquina (ou de seu fluido vital, o dinheiro), e, assim, não pode se manter em estado sustentado de percepção elevada ou de consciência continua (Argüelles, 2006, p.76).

Para Argüelles, a noosfera “é o campo da consciência planetária no qual os seres humanos deverão participar e completar sua evolução” (Argüelles, 2006, p.156). É através das mentes conscientes e meditativas, conectadas ao tempo natural, que a noosfera poderá ser ativada.

Um Paradigma Para Uma Nova Camada

Para compreender o cenário atual e os desafios que envolvem grandes transformações estruturais, indispensáveis para que a humanidade avance em direção a um futuro coerente com o seu potencial evolutivo, este item realizará, na primeira parte, uma revisão do paradigma antropológico atual. Na segunda parte, trará uma visão acadêmica que descreve a noosfera como a “*Terceira História*”, conceito no qual os valores elevam a sustentabilidade da casa comum, situando a civilização humana como um superorganismo, fonte ativa de poder capaz de conduzir o mundo, através de suas relações sinérgicas, para rumos diferentes ao da extinção. Ao fim, analisa-se os contrapontos e promove-se a abertura para uma visão integrativa e sistêmica sobre a noosfera, enfatizando a importância de um alinhamento coletivo que transcenda o paradigma antropocêntrico e mecanicista.

1.2.1 A Crise e o Reconhecimento de Novos Paradigmas

Na introdução de *O Fenômeno Humano*, de Teilhard de Chardin, o Prof. Doutor em filosofia José Luiz Archanjo, também tradutor da obra, abre os parágrafos da edição brasileira de 1995 já falando sobre um tempo de crise. O século era o XX.

Mesmo sendo campeões em termos de crises, é possível olhar para trás e identificar que, em outros tempos, outros mundos – menos vastos do que o nosso, mas não menos “universais” em si – também enfrentaram fases difíceis e graves na evolução das coisas, dos fatos, das ideias. A Guerra de Troia, a Hegemonia da Macedônia, o Advento do Cristianismo, a Queda do Império Romano, a Invasão dos Bárbaros e depois dos Árabes, a Difusão do Islamismo, a Aventura das Cruzadas, as Grandes Navegações, Descobertas e Invenções... também obrigaram o Homem a reestruturar e a re-conhecer o seu Universo. (Teilhard de Chardin, 1995, p.3)

VUCA. Assim o mundo passou a ser reconhecido pelo exército americano, após o término da Guerra Fria (1947-1991). VUCA é o acrônimo em inglês de volátil (*volatile*), incerto (*uncertain*), complexo (*complex*) e ambíguo (*ambiguous*).

Em 2020, o antropólogo norte americano Jamais Cascio utilizou outro acrônimo para definir o cenário mundial: BANI, ou seja, frágil (*brittle*), ansioso (*anxious*), não linear (*nonlinear*) e incompreensível (*incomprehensible*) (VUCA X BANI, 2022). Siglas que expressam o estado de um mundo em crise, visível, por exemplo, nos efeitos psicológicos da mudança climática.

Em 2021 foi publicada na revista *The Lancet* uma pesquisa a nível global realizada com 10 mil jovens (16-25 anos), comprovando que mais da metade, 59%, estavam extremamente preocupados com a crise climática e 84% estavam, pelo menos, moderadamente preocupados. Mais de 50% relataram sentimentos de tristeza, ansiedade, raiva, falta de poder e culpa e, mais de 45% confirmaram que tais sentimentos afetam negativamente a vida diária. A falta de ações governamentais, contundentes e capazes de proporcionar proteção ao meio ambiente conforme as necessidades de mitigação declaradas pelas pesquisas, reforçam o sentimento de ansiedade coletiva. Mais de 83% disseram que as pessoas tem falhado no cuidado com o planeta e 75% acreditam que o futuro é assustador (Hickman et al., 2021, tradução nossa).

Perante esse cenário, alguns teóricos afirmam que uma mescla de boa vontade, tecnologia, geoengenharia, inovação seriam suficientes para aterrizar suavemente em um novo capitalismo ecológico, capaz de conter a crise sem maiores sacrifícios, e, em outro extremo, alguns acreditam que nada será suficiente a não ser um giro antropológico radical, um câmbio do sistema produtivo e de valores sobre os quais levamos a vida hoje (Cerdán, 2020, tradução nossa).

Segundo Argüelles, a crise pede uma “mudança de padrão de natureza autenticamente radical” (Argüelles, 2005, p.17) e uma “estrutura mental adequada para examinar as pistas que podem de certa forma desviar o planeta do curso da extinção para o caminho da transformação” (Argüelles, 2005, p.22). Argüelles (2006), citando um ensaio não publicado da cientista russa Maria Maroushkina, argumenta que a crise global está profundamente enraizada no paradigma newtoniano-cartesiano:

Subjacente à civilização materialista tecnocrática está o paradigma newtoniano-cartesiano formado na Idade Média, cujas leis da gravidade e do movimento são o ponto central, bem como os princípios lógicos da evidência colocados por Descartes. Esse estrato de crença “permanente”, um metaprograma cultural, bloqueia cada possível tentativa humana na conquista da mecanização. É este metaprograma, fundamentado no simples e não examinado aparelho do relógio, e orquestrado pelos igualmente não examinados efeitos de

um calendário irregular que mantém a consciência do ser humano imutável e sem verdadeiras soluções para os seus problemas. À medida que os problemas pioram, a confusão da consciência – que está realmente em estado de crise – só se aprofunda cada vez mais (Argüelles, 2006, p.64).

No artigo *From Anthropocene to Noosphere: The Great Acceleration*, Shoshitaishvili (2021, tradução nossa) descreve o *Great Acceleration* como um período de radicais mudanças na relação do coletivo humano com o planeta Terra. Essa transição histórica tem impulso, principalmente, após o final da 2ª guerra mundial. Ele interpreta esse período através de dois paradigmas antropológicos; o Antropoceno e a Noosfera, afirmando que o Antropoceno tende a gerar perspectivas catastróficas com relação a vida na Terra e desafia o entendimento das nossas capacidades como espécie em escala global e, que a Noosfera, por representar a mente, a cultura, a esperança, a designação de uma tipologia de humanidade consciente, emergindo da interconexão tecnológica e cultural, pode ocasionalmente, parecer utópica (Shoshitaishvili, 2021, tradução nossa). A expressão “Antropoceno” foi proposta no artigo “*Geology of mankind*” (2000), pelo Nobel de Química, Paul Crutzen, que a descreveu como uma nova força geológica autodestrutiva (Cerdán, 2020, tradução nossa).

O fato é que momentos de crise impulsionam o reconhecimento de novos modelos de civilização. O desenvolvimento de uma visão noosférica e holística do mundo é essencial para formular estratégias concretas que abordem os problemas globais do nosso tempo (Jaseckova; Vartiak, 2023, tradução nossa). Em *O Fator Maia*, Argüelles reflete: “O que nos dá tanta certeza de que o materialismo científico é a melhor técnica para arrancar respostas de um cosmos que é infinitamente mais vasto e misterioso do que possa conceber a mente racional?” (Argüelles, 2005, p.16).

1.2.2 Uma Visão Noosférica

Recentemente, o grupo interdisciplinar de pesquisas da Universidade de Bruxelas³¹, que dedica-se a buscar fundamentações científicas para a teoria da noosfera, e para isso integra, entre diversas disciplinas, neurociência, antropologia, psicologia, astrofísica,

³¹ <https://clea.research.vub.be/research/human-energy-project>

sustentabilidade, publicou o artigo “*The Third Story of the Universe: An Evolutionary Worldview for the Noosphere*”, no qual os autores argumentam que as crises geradas por um mundo VUCA têm deteriorado o senso de coerência das pessoas, dificultando a percepção de que o mundo pode ser compreensível, gerenciável e significativo (Heylighen; Beigi; Vidal, 2024, tradução nossa).

Heylighen, Beigi e Vidal (2024) consideram que historicamente, narrativas abrangentes têm desempenhado um papel crucial ao oferecer um senso de coerência, posicionando a existência humana dentro de uma visão mais ampla e integrada do universo. Nesse sentido, eles distinguem três categorias de visões de mundo. A *Primeira História*, baseada na religião tradicional e guiada principalmente pela Bíblia, vê o mundo como criação e governo de divindades, oferecendo significado e valores claros, mas com limitações para lidar com a complexidade contemporânea. A *Segunda História*, centrada na ciência materialista tradicional, considera o universo como um sistema mecânico e previsível, útil para entender e resolver problemas práticos, mas desprovida de valores e propósito. Já a *Terceira História* emerge como uma visão científica que interpreta o universo como um sistema auto-organizado, evoluindo para maior complexidade e consciência. Esse progresso é observado na evolução cosmológica, que avança desde o surgimento do espaço-tempo, partículas, células, organismos, mentes e sociedades (Heylighen; Beigi; Vidal, 2024, tradução nossa).

Inspirada pela lei da complexidade-consciência, de Teilhard de Chardin, a *Terceira História* propõe que sistemas mais complexos e conscientes emergem à medida que se adaptam a seus ambientes por meio de interações sinérgicas. Diferentemente de interpretações reducionistas, ela valoriza relações cooperativas ("ganha-ganha") em vez de conflituosas ("perde-perde"), promovendo sinergias que aumentam a aptidão coletiva e a sustentabilidade. Exemplos dessa sinergia estão presentes desde átomos e moléculas estáveis até ecossistemas e sociedades humanas (Heylighen; Beigi; Vidal, 2024, tradução nossa).

Os autores destacam a perspectiva auto-organizadora da *Terceira História* - a noosfera - como o nível mais avançado de evolução, onde a civilização humana funciona como um superorganismo global. Essa narrativa combina a clareza de propósito e valores da *Primeira História* com as capacidades preditivas e tecnológicas da *Segunda História*, oferecendo uma visão integradora que conecta indivíduos a um todo maior. Assim, para os autores, a *Terceira História* propõe uma visão de mundo orientada para o futuro, ancorada em ética, valores e um propósito que transcende as limitações das perspectivas anteriores (Heylighen; Beigi; Vidal, 2024, tradução nossa).

1.2.3 Utopia e Transformação

Reconhecer o universo revela-se essencial para situar e interpretar o mundo em que vivemos. Mundo VUCA, crise climática, Antropoceno, *Great Acceleration*, termos que caracterizam um período marcado por impactos humanos profundos e destrutivos ao planeta Terra.

Nesse cenário de desafios globais, superando os limites do paradigma newtoniano-cartesiano, a noosfera desponta como prenúncio de uma nova era de estudos que une ciência e espiritualidade. A “*Terceira História*” (Heylighen; Beigi; Vidal, 2024, tradução nossa), fundamentada na colaboração, na inovação ética e na superação de visões reducionistas, propõe essa integração. Essa abordagem promove interações sinérgicas entre indivíduos, comunidades e o planeta, oferecendo uma narrativa evolutiva que aponta caminhos para a regeneração e o equilíbrio planetário.

Contudo, é importante observar que, ao longo da pesquisa, contrapontos ao conceito de noosfera tornam-se evidentes. Segundo Jaseckova, Konvit e Vartiak (2022, tradução nossa), a noosfera tem sido alvo de críticas substanciais desde sua formulação. Entre as principais objeções, destaca-se o caráter utópico atribuído à ideia, considerada por alguns autores como “cientificamente insustentável” (Jaseckova et al., 2022, tradução nossa, apud Viner, 1995). Frequentemente comparada a utopias sociopolíticas, a noosfera é criticada por ignorar a dialética da vida e adotar uma visão excessivamente otimista da noogênese (Jaseckova et al., 2022, tradução nossa, apud Kutyrev, 1996; Stilmark, 2001).

Complementando essa crítica, Pylypchuk (2024) observa que, em muitas publicações recentes, a noosfera tem sido tratada menos como um fenômeno material e mais como uma “emanação da mente”. Essa abordagem idealista, segundo o autor, desenvolve expectativas exageradas sobre os potenciais benefícios morais e éticos da noosfera (Pylypchuk, 2024, tradução nossa). Tais idealizações levantam dúvidas sobre sua viabilidade prática diante das complexidades ambientais e sociais contemporâneas (Jaseckova et al., 2022, tradução nossa).

Apesar dos contrapontos, Teilhard de Chardin nos lembra que a transformação necessária exige não apenas mudanças externas, mas uma metamorfose interior e coletiva.

Impossível aceder a um meio fundamentalmente novo sem passar pelos transes interiores de uma metamorfose. Não fica a criança aterrada quando abre os olhos pela primeira vez?...Para se adaptar

a linhas e a horizontes desmesuradamente ampliados, nosso espírito deve renunciar o conforto das estreitezas de visão que lhe são familiares. Ele deve recriar um equilíbrio para tudo o que havia sabiamente ordenado no fundo de seu pequeno dentro. Deslumbramento ao sair de um confinamento obscuro. Emoção ao emergir subitamente no topo da torre. Vertigem e desorientação... Toda a psicologia da inquietude moderna ligada à sua brusca confrontação com o Espaço-Tempo (Teilhard de Chardin, 1995, p.248).

Teilhard também enfatiza que há uma missão essencialmente humana em construir o porvir, reconhecendo a necessidade de uma transformação. “Há, portanto, uma obra ou missão, essencialmente humana, a assumir, neste olho do furacão, neste momento de crise em que nos encontramos: construir o Porvir” (Teilhard de Chardin, 195, p.7). E complementa: “Nós só podemos ativar um degrau maior de liberdade ao nos juntarmos e nos associarmos com os outros, através de um caminho apropriado” (Teilhard de Chardin, 1947, tradução nossa).

Única nesse aspecto entre todas as energias do Universo, a Consciência é uma grandeza acerca da qual é inconcebível, contraditório até, supor que possa culminar ou recurvar-se sobre si própria. Pontos críticos pelo caminho, tantos quantos quiserem. Mas a parada ou a reversão, impossível: e isto pela simples razão de que todo acréscimo de visão interna é essencialmente o germe de uma nova visão que inclui todas as outras e que leva ainda mais longe (Teilhard de Chardin, 1995, p. 251).

A transição para um paradigma noosférico demanda coragem para transcender limites, reconhecendo que o Antropoceno representa não apenas um marco de impactos negativos, mas também uma oportunidade para reestruturar a relação entre humanidade e planeta. Apesar das críticas que atribuem um caráter utópico à noosfera, ela ressurge como um convite à transformação, apontando para a necessidade de uma metamorfose interior e coletiva. Como ensina Teilhard, o progresso humano exige desprender-se de visões estreitas, abraçando a inquietude e a vastidão de horizontes ampliados. O desafio de construir o porvir reside na capacidade de reunir uma consciência coletiva que promova colaborações sinérgicas e revele o potencial evolutivo da humanidade, conduzindo-a rumo a uma nova etapa de sua existência no cosmos.

1.3

O Tempo Como Fator Sincronizador da Noosfera

Neste item, ao destacar a importância de investigar um modelo que catalise uma transição planetária, será analisada a Lei do Tempo como um elemento essencial na sincronização da humanidade com a noosfera. Sob essa perspectiva, a Lei do Tempo propõe uma visão ampliada da consciência coletiva, desvinculada de paradigmas antropocêntricos. Como ressalta Argüelles (2006, p. 23), "a noosfera é uma condição de consciência não antropocêntrica", apontando para um novo estágio que transcende os limites tradicionais da percepção humana.

A descoberta da Lei do Tempo define o ponto entre os dois estágios da noosfera descritos por Pierre Teilhard de Chardin: "O primeiro estágio foi a elaboração de organismos inferiores, até o homem inclusive, pela aplicação de combinações irracionais de fontes elementares de energia recebidas ou liberadas pelo planeta. O segundo estágio é a superevolução do homem, individual e coletivamente, pelo uso de formas refinadas de energia cientificamente subordinadas e aplicadas no ventre da noosfera, graças aos esforços de todos os homens que trabalham refletiva e unanimemente sobre si mesmos... Tornar-se uma humanidade planetária é adquirir novos poderes físicos que permitam superorganizar a matéria. E, mais importante ainda, é possível que, pela convergência direta de seus membros, seria ela capaz de, por ressonância, liberar poderes psíquicos cuja existência ainda é insuspeita? (Argüelles 2006, p.76 apud Teilhard, 1959, p.183)³² .

A análise baseia-se nos princípios da obra de José Argüelles e está estruturada em três partes principais junto a essa introdução: inicialmente, aborda as raízes históricas que fundamentam os estudos de José Argüelles; em seguida, examina a da Lei do Tempo e seu papel na sincronização do universo; por fim, investiga como tempo e consciência atuam conjuntamente na ativação da noosfera.

³² Pierre Teilhard de Chardin, *The Future Of Man* (New York: Harper & Row, 1959), 183. (Argüelles, 2006, p.77).

Em poucas palavras, tempo é um tópico tão vasto e importante na orientação da consciência humana, do âmbito da biosfera, que podemos declarar que ele é de suma importância em todos os relacionamentos humanos. De fato, a ordem cósmica, da qual a biosfera é o mecanismo dinâmico regulador no planeta Terra, é ela própria a expressão do tempo como agente da manifestação universal. Contudo, como Vernadsky observou em 1944, enquanto definimos o espaço pelos seus próprios sistemas métricos e geométricos, aplicando esses mesmos padrões ao tempo, não definimos nem conhecemos nada sobre o tempo. A causa para esse dilema parece estar no fato de que, enquanto o espaço é perceptível como um meio sensorial – nós podemos vê-lo, tocá-lo, ouvir por intermédio dele – e por isso ele é evidentemente mensurável, o mesmo não acontece com o tempo. O tempo está na mente e, portanto, é inseparável da questão da consciência. De fato, você não pode conhecer nem vivenciar o tempo sem estar consciente (Argüelles, 2006, p.63).

É importante entender, ainda como preâmbulo, que o tempo e a consciência são conceitos interdisciplinares, explorados por áreas como física, filosofia, psicologia, neurociência, cada qual trazendo perspectivas únicas e complementares para sua compreensão. Desde o século V a.C., filósofos gregos como Platão e Aristóteles dedicam-se a examinar o tempo, destacando sua complexidade e múltiplas dimensões. Esses pensadores introduziram as distinções entre *Kairós*, uma abordagem qualitativa que valoriza o instante oportuno e significativo, onde possibilidade e ação convergem, e *Chronos*, que corresponde ao tempo linear, mensurável e sequencial, utilizado para organizar eventos de maneira objetiva. Essas reflexões iniciais abriram caminhos para uma análise mais profunda da natureza do tempo, conectando-o não apenas à organização da vida, mas também à experiência humana e sua relação com o cosmos (Falcão, 2017).

Em termos de neurociência, finalizando o preâmbulo, é relevante apontar que, conforme Kent e Wittmann (2021, tradução nossa), a consciência do tempo ainda é uma área em desenvolvimento, com várias questões abertas antes que se chegue a um modelo neural unificado. Teorias contemporâneas sobre a consciência frequentemente se concentram em "momentos funcionais" breves e discretos, ignorando a dimensão contínua e mais ampla da experiência consciente, descrita como o “momento experienciado”. Poucas abordagens consideram o tempo como um fluxo dinâmico que acompanha integralmente a experiência consciente. O aprofundamento do estudo sobre a consciência do tempo pode não apenas destacar divergências entre teorias concorrentes, mas também revelar aspectos inexplorados em modelos atuais. É possível que diferentes

perspectivas sobre a consciência sejam complementares, desde que os distintos aspectos do tempo sejam considerados. Caso nenhuma teoria consiga integrar completamente a consciência do tempo, novas oportunidades de pesquisa poderão surgir. Um passo essencial, segundo os autores, é centralizar o tempo subjetivo como objeto de estudo, já que a percepção temporal, especialmente em durações mais longas, demonstra forte conexão com a percepção de si ao longo do tempo. Pesquisas indicam que uma maior autoconsciência corresponde a uma maior consciência temporal, e vice-versa. Por outro lado, um senso de identidade perturbado geralmente acompanha uma percepção de tempo igualmente perturbada (Kent e Wittmann, 2021, tradução nossa apud Fuchs, 2013; Martin et al., 2014).

1.3.1 O Fator Maia

Diferentemente da ciência ocidental, que se baseia na investigação da *matéria* – daí materialismo científico – a ciência maia se baseia na mente como fundamento do universo. O universo é mente, e as diversas propriedades da mente podem ser descritas através das relações dos números inteiros. Para a ciência maia, o que chamamos de matéria representa diferentes tons aglutinados como um espectro de frequência harmônico, perceptível ao tato. Como todas as outras experiências ressonantes, a matéria pode ser representada por relações de números inteiros. Como todo matemático sabe, o número em si mesmo é uma estrutura puramente mental (Argüelles, 2005, p.58).

José Argüelles dedicou sua vida ao estudo da história e dos códigos da ciência maia, mergulhando profundamente em sua história e em seus sistemas de tempo. Seu interesse em especial pelo *Tzolkin* foi despertado por Tony Shearer, um estudioso das culturas mesoamericanas. Esse encontro marcou o início de uma jornada que levaria Argüelles a decodificar e reinterpretar o *Tzolkin* como uma matriz universal de sincronização, conectando humanidade, natureza e cosmos (*Law of Time*, 2024).

Mas, quem eram os Maias? O dogma antropológico sustenta que os maias faziam parte de um grande grupo de ameríndios que cruzaram o estreito de Bering durante a última Era Glacial, há cerca de 12.000 anos, e finalmente se estabeleceram na região que hoje corresponde à América Central. Argüelles afirma que “lendo os textos maias tardios, como o *Popol Vuh*, *The Book of Chilam Balam* e *The Annals of the Cakchiquels*,

é possível ter a clara impressão de que realmente os maias vieram de longe” (Argüelles, 2005, p.19). Ele destaca essa civilização como uma das maiores expressões culturais do planeta, com uma vasta quantidade de cidades e templos antigos espalhados pelas florestas de Yucatán, no México, e pelas montanhas da Guatemala. O apogeu da civilização maia ocorreu entre aproximadamente 200 e 830 d.C., antes do abandono dos principais centros, um evento ainda misterioso, apesar de teorias sugerirem pestes ou secas como causas para o desaparecimento repentino dessa população (Argüelles, 2005, p.20).

Para Argüelles, há uma curiosa ressonância entre os maias da América Central e as tradições do Oriente, particularmente na Índia, onde o termo *maia* possui grande importância filosófica, significando tanto “origem do mundo” quanto “mundo da ilusão”. Em sânscrito, *maia* está associada a conceitos como “grande”, “medida”, “magia” e “mãe”, e ele aponta que não é coincidência o fato de Maya ser o nome da mãe de Buda. Nas escrituras védicas, como o *Mahabharata*, Maya também aparece como um astrônomo, mago e arquiteto respeitado, além de designar uma tribo de navegadores. Argüelles vê paralelos adicionais com o Egito, onde o termo *mayet* simboliza a ordem universal, e com a mitologia Grega, onde Maia é uma das sete Plêiades, filhas de Atlas e Pleione, conhecida como a estrela mais brilhante dessa constelação (Argüelles, 2005, p.18).

Segundo Argüelles, o que distingue a ciência maia da ciência atual é que devido a compreensão do tempo/mente, a ciência maia pode ser descrita tanto como pré quanto pós-científica (Argüelles, 2005, p.18). Nesse sentido, Argüelles destaca a precisão do conhecimento matemático e astronômico dos maias: os maias calculavam a revolução da Terra ao redor do Sol até a terceira casa decimal e possuíam calendários que registravam ciclos de lunação, eclipses e revoluções sinódicas dos planetas, como Mercúrio, Vênus, Marte, Júpiter e Saturno. Em alguns monumentos, é possível encontrar registros de eventos que datam de 400 milhões de anos, realizados com base em sua métrica vigesimal (Argüelles, 2005, p.18). Segundo Argüelles, os maias clássicos mostraram com grande destreza e naturalidade como os nossos ciclos anuais se correlacionam com o padrão harmônico galáctico (Argüelles, 2005, p.78). Argüelles ressalta que a ciência maia é “um sistema que opera dentro de uma estrutura galáctica” e, “uma estrutura de referência genuinamente galáctica” hoje ainda permanece dentro do campo do que chamamos de mito, arte ou religião (Argüelles, 2005, p.54).

Os estudos de José Argüelles se revelaram, ao longo de sua trajetória, proféticos e fundamentais para a compreensão da história cósmica, da consciência e do tempo, este último interpretado como a quarta dimensão — a dimensão do tempo, localizada na

mente. Por meio de seus estudos e meditações sobre os códigos harmônicos maias, particularmente o *Tzolkin*, Argüelles afirma que pode acessar o que denomina de frequência GM108X, uma "Transmissão Mental Maia Galáctica" (South, 2020a, p.9). O GM108X é um “circuito de transmissão”, vindo de “outros sistemas estelares pelo centro da galáxia, Hunab Ku³³.” Em vez de ser uma linhagem sanguínea, como na Terra, o GM108X é uma linhagem mental (South, 2020b, p.57). Segundo Argüelles, esse sinal representa uma conexão espiritual e vibracional com as sincronicidades da ordem galáctica, sendo um canal direto da mente galáctica para a humanidade. Foi através da prática do tempo natural e do acesso mental da frequência GM108X que ele pode traduzir e aprofundar o conhecimento que será explorado a seguir (South, 2020a, prefácio).

1.3.2 A Lei do Tempo

Da minha experiência com o tempo, vendo e estudando o humano como parte de um tecido maior auto-evolutivo da biosfera, cheguei à conclusão de que o humano está vivendo em um tempo à parte do restante da biosfera – um tempo artificial cujo clímax e fim são inevitáveis, pois nada artificial pode resistir às forças da verdade. Se o ser humano está vivendo em um tempo artificial, o relógio é um artefato cujo sistema de medição nada tem a ver com ciclos naturais; sendo um padrão totalmente abstrato, então deve haver algo que se chama tempo natural. Irei ainda um pouco mais longe ao afirmar que não somente existe um tempo natural, mas também uma lei governando o tempo natural, e esta é a Lei do Tempo (Argüelles, 2006, p.28).

“Newton descobriu a gravidade há apenas 300 anos, embora ela sempre tenha existido; assim também é a Lei do Tempo, que sempre esteve em operação, mesmo que só recentemente tenha sido descoberta” (Argüelles, 2006, p.28). Segundo Argüelles, a Lei do Tempo é um fator universal, descrito como um “princípio governante de uma consciência autoexistente superior que regula a ordem do Universo no que se refere

³³ “Hunab Ku é geralmente traduzido como “Doador Único do Movimento e do Ritmo”; é o princípio da vida que está além do Sol. Sob este aspecto, Hunab Ku é o nome do núcleo galáctico, não apenas como nome, mas como uma descrição de objetivo e atividade também. Movimento corresponde a energia, o princípio da vida e a consciência que tudo permeia, iminente em todos os fenômenos. Ritmo refere-se ao princípio de cadência, da periodicidade e forma, sendo responsável pelas diferentes qualidades limitantes que a energia assume através de diferentes transformações” (Argüelles, 2005, p. 54).

à sua matéria vivente e não vivente” (Argüelles, 2006, p.69). Esse princípio opera de maneira independente de qualquer cultura ou civilização, inclusive a maia (Argüelles, 2006, p.81).

Para Argüelles, o tempo é o elemento responsável pela harmonia universal, pois “sincroniza tudo continuamente; desde um todo singular coerente do micro até os níveis do macro” (Argüelles, 2006, p.69). Argüelles reforça ainda que “é a Lei do Tempo que governa a totalidade da biosfera e tudo o mais no Universo, de acordo com princípios que só vagamente são conhecidos por nós, como sincronicidade e instantaneidade telepática” (Argüelles, 2006, p.28).

a) O Tempo Natural – A Frequência 13:20 e o Tzolkin

Segundo Argüelles, a Lei do Tempo é uma lei primordial da criação, cuja constante universal de sincronização é expressa pela frequência de “proporção matemática, autoexistente e intrinsecamente perfeita: 13:20”, descoberta através dos estudos da contagem do tempo sagrado dos maias (Argüelles, 2006, p.69). Essa frequência 13:20 representa treze tons vibratórios e vinte selos lumínicos, que juntos formam a matriz sincrônica de 260 *kins*³⁴ (13x20), conhecida como *Tzolkin*. O *Tzolkin* opera como tabela periódica de frequências, girando radialmente, dia a dia, *kin* a *kin*.

Argüelles destaca: “É importante que se entenda muito claramente que a frequência 13:20 e a matriz matemática³⁵ que define as operações dessa frequência de sincronização (*Tzolkin*) são a matemática pura do tempo à parte das métricas e geometrias do espaço tridimensional” (Argüelles, 2006, p.75).

Consideraremos, a seguir, a natureza e o significado da matemática da Lei do Tempo e a sua origem com a misteriosa civilização dos antigos maias. O padrão ou matriz da frequência 13:20, uma estrutura de 13x20 (260) unidades, foi o meio de acomodar o “calendário” básico utilizado pelos maias antigos e atuais: o *Tzolkin*, ou calendário

³⁴ *Kin* é a menor medida de tempo, o menor fractal da matemática maia. Representa um “número 1”, um dia e também uma assinatura galáctica, ou seja, uma junção de um selo com um tom. A matemática maia é posicional e vigesimal (conforme será visto na pág. 34) e existem nomes para diferentes posições-valores, tais como: *Kin* (1), *vinal* (20), *tun* (400), *katun* (8.000), *Baktun* (160.000). (Argüelles, 2005, p.26)

³⁵ Dentro do constructo da Lei do Tempo existem outras matrizes: a matriz base, a matriz do espaço e a matriz do tempo.

sagrado, um conjunto de 13 números e 20 selos que repetem suas sequências de permutação a cada 260 dias. Embora essa matriz 13x20 acomode o *Tzolkin*, não está restrita a ser somente um calendário, como demonstrei amplamente no *Fator Maia*. A frequência 13:20 é a constante universal do tempo de cuja matemática o *Tzolkin* deriva. Baseada na tabela de permutação chamada *buk xok* na tradição Chilan Balam, essa matriz é um Módulo Harmônico, uma medida fractal de tempo radial com aplicações múltiplas, análoga à tabela periódica dos elementos, mas da ordem sincrônica. (Argüelles, 2006, p.79)

	1	21	41	61	81	101	121	141	161	181	201	221	241
	2	22	42	62	82	102	122	142	162	182	202	222	242
	3	23	43	63	83	103	123	143	163	183	203	223	243
	4	24	44	64	84	104	124	144	164	184	204	224	244
	5	25	45	65	85	105	125	145	165	185	205	225	245
	6	26	46	66	86	106	126	146	166	186	206	226	246
	7	27	47	67	87	107	127	147	167	187	207	227	247
	8	28	48	68	88	108	128	148	168	188	208	228	248
	9	29	49	69	89	109	129	149	169	189	209	229	249
	10	30	50	70	90	110	130	150	170	190	210	230	250
	11	31	51	71	91	111	131	151	171	191	211	231	251
	12	32	52	72	92	112	132	152	172	192	212	232	252
	13	33	53	73	93	113	133	153	173	193	213	233	253
	14	34	54	74	94	114	134	154	174	194	214	234	254
	15	35	55	75	95	115	135	155	175	195	215	235	255
	16	36	56	76	96	116	136	156	176	196	216	236	256
	17	37	57	77	97	117	137	157	177	197	217	237	257
	18	38	58	78	98	118	138	158	178	198	218	238	258
	19	39	59	79	99	119	139	159	179	199	219	239	259
	20	40	60	80	100	120	140	160	180	200	220	240	260

O *Tzolkin* é lido de cima para baixo, em colunas verticais, da esquerda para a direita. Os 20 selos lumínicos estão dispostos na lateral esquerda, enquanto a permutação vibracional ocorre em ciclos que vão do 1 ao 13. Na notação maia, o número 1 é representado por um ponto, e o número 5 por um traço (Argüelles, 2006, p.79; 2005, cap.4).

Por exemplo, o selo 14, localizado na primeira coluna, é representado pela notação de um ponto (1). O selo anterior, de número 13, é representado por dois traços

(5+5) e três pontos. Já o selo seguinte ao 14, de número 15, possui a notação de dois pontos. Assim, os tons vibratórios vão se permutando pelos selos, sempre de 1 a 13, formando a matriz sincrônica de 260 *kins* (Argüelles, 2005, cap.2-4).

Os desdobramentos do *Tzolkin* apresentam uma estrutura extensa e de formato holonômico, conectando os corpos tridimensionais e quadridimensionais aos corpos planetários, galácticos e universais. Selos e tons recebem nomes específicos, conjuntos de 13 *kins* formam *ondas*, de 52 *kins* formam *castelos*, de 65 *kins* formam *estações* e diversas outras configurações. Essas conexões permitem estudos sobre ciclos, fractais, pulsares, harmônicos, cromáticas, arquétipos dos selos e tons, além de oráculos e profecias, transformando o *Tzolkin* em um vasto mapa de navegação no tempo (Argüelles, 2005, cap.2-4).

O mais importante, no entanto, é destacar que, em sua essência, a ordem sincrônica (*Tzolkin*) representa uma matemática pura, conhecida como "a matemática da quarta dimensão" (Sincronário da Paz, 2024). Como observa Argüelles: "O objetivo da matemática maia era o entendimento do registro da constante galáctica – o *Tzolkin* – em seu *spin* de infinitos harmônicos fractais e permutações de harmônicos" (Argüelles, 2005, p.76).

É também surpreendente que a matemática na qual o Módulo Harmônico se encaixa seja uma contagem vigesimal (20), utilizando um zero e um sistema de ordenação posicional, que considera valores maiores ou mais extensos que avançam mais para a função exponencial binária do que para a sequência decimal. Muito simplesmente, este sistema existe desta maneira porque ele é a matemática apropriada para o tempo.

(...)

É por causa dessa matemática e de sua capacidade de "baixar" a frequência universal de sincronização 13:20, que os antigos maias foram capazes de construir um sistema complexo de "calendários" e um conhecimento astronômico preciso, não em razão de telescópios que eles não possuíam, mas graças à natureza do próprio sistema matemático (Argüelles, 2006, p.79).

Argüelles afirma que foi o estudo da matemática vigesimal e de seu Módulo Harmônico 13:20 (*Tzolkin*) que o levou a acessar o conhecimento da Lei do Tempo, representada também na equação $T(E) = Arte$, ou seja, *Energia* fatorada pelo *Tempo* é igual a *Arte*. A beleza da natureza é uma manifestação absoluta da matemática da quarta dimensão (Argüelles, 2006, p.69).

Além de representar uma frequência universal, a Lei do Tempo fundamenta um conjunto de conhecimentos e ferramentas pragmáticas, não dogmáticas, voltadas às práticas de sincronização holonômica entre o ser e o cosmos, tais como: o *Encantamento do Sonho*, *Telektonon* e *Synchronotron*. Essas práticas promovem, por meio da meditação, a harmonização da mente humana com o tempo natural, elevando a consciência a estados expandidos de percepção. As técnicas de meditação propostas por Argüelles variam desde movimentos simples, como estar atento à respiração e consciente do momento presente, até práticas mais avançadas, como a meditação da mente natural, do cubo, da ponte-arco-íris e yoga *synchrogaláctica*. Esta última baseia-se na conexão com os códigos sincrônicos diários da ordem cíclica (13 luas de 28 dias), do *Tzolkin* (13:20), dos chacras, dos plasmas radiais, das antigas runas *Futhark*, do *I Ching* e de outros códigos da história cósmica (Sincronário da Paz; *Law of time*, 2024).

b) A Ordem Cíclica

A matriz de ordem sincrônica (junção de frequências de luz e som - *Tzolkin*), opera em conjunto com a ordem cíclica (ordem dos ciclos naturais), representada pelo sincronário de 13 luas de 28 dias.

Vista do espaço sideral, a Lua demora 28 dias para orbitar a Terra enquanto completa uma rotação inteira em torno de seu eixo, e gira 13 vezes nesse eixo enquanto a Terra realiza uma órbita ao redor do Sol. No sincronário, uma "lua" equivale a 28 dias, organizados em quatro semanas de sete dias. Treze luas de 28 dias, somadas ao dia "fora do tempo" (25 de julho), equivalem aos 365 dias do calendário gregoriano. Para a Lei do Tempo, os doze meses irregulares gregorianos se transformam em treze luas de 28 dias, tornando-se um sincronário solar-lunar. O início do "anel solar", ou seja, do ano maia, é definido por um fenômeno astronômico chamado de nascimento heliacal de Sírio³⁶, que acontece em 26 de julho.

³⁶ O nascimento anual heliacal de Sírio refere-se à quando Sírio aparece novamente visível em 19,5° de latitude Norte depois de estar escondido pela luz do Sol por cerca de 70 dias. (Sincronicamente, p.7)

EXEMPLO DE UM ANO NO CALENDRÁRIO GREGORIANO

JANEIRO	FEVEREIRO	MARÇO
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31
ABRIL	MAIO	JUNHO
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30
JULHO	AGOSTO	SETEMBRO
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30
OUTUBRO	NOVEMBRO	DEZEMBRO
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31

DOZE MÊSES IRREGULARES

SINCRONÁRIO PERPÉTUO DE 13 LUAS (SINCRONÔMETRO)

MÊS 1	MÊS 2	MÊS 3
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28
MÊS 4	MÊS 5	MÊS 6
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28
MÊS 7	MÊS 8	MÊS 9
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28
MÊS 10	MÊS 11	MÊS 12
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28
MÊS 13		
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28		

13 MÊSES/LUAS
DE 28 DIAS CADA UM
+1 "DIA FORA DO TEMPO"
=365 DIAS QUE FAZEM
O SINCRONÁRIO
SOLAR/LUNAR ATUAL.



TREZE LUAS PERFEITAS

Ordem cíclica - ciclo solar biosférico (3ª dimensão): 365 dias do ano ordenados em 13 luas (meses) x 28 *kins* (dias) + 1 dia fora do tempo.

Ordem sincrônica – ciclo galáctico (4ª dimensão): 260 unidades do *Tzolkin* (matriz de tempo galáctica) - 13 x 20.

O sincronário de 13 luas e 28 dias, em combinação com a permutação do ciclo galáctico quadridimensional de 260 *kins* (*Tzolkin*), forma um ciclo Siriano de 52 anos, referente ao tempo que Sírio B leva para orbitar Sírio A. A ciência atual afirma que este ciclo, visto da Terra, dura em média 50 anos, porém, o ciclo de 52 anos de Sírio era comemorado em rituais sagrados na antiguidade e é de suma importância para a ciência maia do tempo. Sírio é conhecido como o sol por trás do sol que transmite energias eletromagnéticas que governam o fluxo, as forças e os movimentos de diferentes planetas (Sincronicamente, p.7 apud Rainha Vermelha).

Na permutação entre *Tzolkin* e ordem cíclica, tomando por início qualquer data, durante períodos de 52 anos, não há dias iguais. Para exemplificar, utilizando o calendário gregoriano, uma pessoa que nasceu no dia 12/11/2024, na ordem sincrônica (*Tzolkin*), está passando pelo *Kin* 128, situado na coluna central do *Tzolkin*, intitulado como

estrela espectral, onde a *estrela* é o nome do selo lumínico e *espectral* é o nome do tom que está em permutação (tom 11 - dois riscos e um ponto). Esta pessoa só reviverá esse *Kin* 128, *estrela espectral*, no dia do seu aniversário de 52 anos e depois, no aniversário de 104 anos. Este ciclo de 52 anos é considerado um *castelo*, assim como o ciclo de 52 dias, assim como o ciclo de 52 mil anos, assim por diante. Isso é o tempo fractal, vai da menor medida - *kin* - a conjuntos de ciclos que se multiplicam ao infinito.

c) O Calendário Gregoriano e Tempo Artificial

Através dessas e de outras decodificações sobre o conhecimento maia, Argüelles afirma a existência de duas frequências distintas: a do tempo natural (13:20), conforme descrito anteriormente, e a do tempo artificial. O tempo artificial é definido como a frequência 12:60. O fundamento básico dessa premissa é o reconhecimento de que a sociedade está macro organizada por um calendário não sincronizado com os ciclos naturais do planeta (e da galáxia), gerando assim, ao longo dos anos, uma frequência artificial chamada de 12:60. Doze em referência ao calendário Gregoriano³⁷, que divide a volta ao sol em doze meses irregulares. Sessenta, em referência ao relógio mecanizado, que organiza o espaço do tempo de forma linear. Com o passar dos séculos se organizando dessa forma, a civilização foi se tornando mecanicista e artificial, conseqüentemente, o ser humano foi se desconectando de sua natureza (Argüelles, 2006, 2005).

1.3.3 Um Manifesto pela Noosfera

Argüelles discorre sobre os vários calendários existentes ao longo da história, mostrando as conexões e desconexões de suas medidas para com a natureza. Argüelles evidencia que o calendário de 13:28 (13 luas e 28 dias - “ordem cíclica”) também era amplamente conhecido e utilizado na Pré-História de lugares como China, Polinésia,

³⁷ “Calendário gregoriano (juliano): Padrão do calendário mundial atual que consiste em 12 meses irregularmente numerados e obscuramente nomeados pelo sistema de semanas de sete dias com a intercalação de um ano bissexto, estabelecendo ciclos de 28 anos; criado com a reforma do calendário pelo papa Gregório XIII (1572-1583) em 1582 que “ corrigiu o calendário juliano (estabelecido por Julius Cesar, 45-44 a.C), cortando dez dias e refinando o sistema de intercalação para que somente os séculos que são múltiplos de quatro sejam bissextos; exemplo supremo de medição do tempo astronômico; princípio macro organizador que estabeleceu a frequência de regulação do tempo artificial 12:60.” (Argüelles, 2006, p.284)

Europa neolítica e Oriente Médio. Argüelles argumenta que “se tempo é um fator de sincronização, então um calendário – como instrumento para medir a contagem do tempo - deveria ser construído de tal modo que maximizasse o fator de sincronização” e pondera que isso só pode ser feito “se a contagem do tempo for baseada em princípios harmônicos em conformidade com os dados objetivos da natureza (Argüelles, 2006, p.95).

Nesse contexto, a noosfera é a condição da mente humana purificada do erro do tempo. E se a noosfera é o invólucro mental da Terra, só pode ser, por um estado unificado da mente, nada menos que a transformação do humano híbrido planetário em um ser planetário genuinamente espiritualizado, a mente da Terra – algo que pode parecer um fenômeno utópico, na perspectiva do noticiário noturno (Argüelles, 2006, p31).

Argüelles define a Lei do Tempo como uma frequência universal de sincronização, expressa pela proporção matemática 13:20, que se revela através da contagem sagrada do tempo maia. Essa frequência representa uma matriz de treze tons e vinte selos, que juntos formam a estrutura conhecida como *Tzolkin*, estrutura que governa a ordem sincrônica do tempo.

A frequência natural 13:20 contrasta com a frequência artificial 12:60, baseada no calendário gregoriano e no relógio mecânico. A frequência artificial 12:60 contribui para uma visão mecânica e linear do mundo, desconectando o ser humano de sua própria natureza e da harmonia universal. Em contrapartida, o sincronário 13:28 (13 luas e 28 dias - “ordem cíclica”) operando em conjunto com a frequência 13:20 (*Tzolkin*) promove a ressincronização da humanidade, expandindo a sua consciência, desde o simples ato de estar presente no momento atual até a prática de técnicas avançadas de meditação. A conexão com a frequência 13:20 ativa a integração da noosfera com a biosfera, alinhando a mente humana ao ritmo natural do universo (Argüelles, 2005, 2006).

Para Argüelles, a ativação da noosfera, o próximo estágio evolutivo da humanidade, só será possível por meio da reconexão consciente com o tempo natural. Nesse contexto, a noosfera representa um estado em que a humanidade transcende o tempo artificial, conectando-se com a ordem cósmica e tornando-se uma única e genuína consciência planetária.

Com o manifesto, José Argüelles:

Tú no estás separado de mí, aunque pienses que lo estás. Eres uno conmigo. Tu mente y mi mente, la mente de la Tierra, son una sola mente. Y esta mente es la noosfera, la mente de la Tierra que envuelve como un manto invisible la totalidad de mi cuerpo,

penetrando en cada ser vivo, dotando a cada uno com um rayo del espectro de consciência viva que se extiende desde el centro de la galaxia hasta nuestro sol, hasta mí y hasta todos los que habitáis en mi superficie. Sois um único organismo planetário. Toda la vida es una, del mismo modo que yo soy un todo indivisible.

*Para aquellos que tengan ojos para ver, oídos para oír y cora-
zones que conocen desde el interior, ha llegado el tiempo de que es-
cuchéis mi manifiesto por la noosfera. Escuchad y recitad conmigo:*

Soy uno com la Tierra.

La Tierra y yo somos una sola mente.

(Argüelles, 2012, p.20)

2

REFERENCIAL TEÓRICO

De acordo com Kaku (2015, p.17), ecoando as reflexões do famoso biólogo Tomas Huxley, “a questão das questões para a humanidade, o problema existente por trás de todos os outros e também o mais interessante, é a definição do lugar do homem na Natureza e sua relação com o Cosmos”.

Em 2026, o termo *noosfera* completará cem anos. As teorias de Teilhard de Chardin, talvez por sua complexidade e/ou pelo histórico conturbado com a Igreja, no Ocidente, ainda permanecem quase desconhecidas pela população. No entanto, ao longo dos anos, a Igreja vem reconhecendo a importância de sua obra. Papa Francisco (2015), em sua encíclica, *Laudato Si*, fala sobre atitudes fundamentais que compreendem o pensamento de Teilhard (*Laudato Si*, 2015a, 2015b). Cerdán (2020, tradução nossa) recorda teólogos e líderes da Igreja contemporâneos que reconhecem o legado de Teilhard, tais como os cardeais Avery Dulles e Christoph Schönborn e os Papas João Paulo II e Bento XVI.

Mesmo que a noosfera esteja mais distante do alcance da ciência convencional, se trata de uma profunda e onipresente intuição que tem habitado as mentes de científcos, filósofos, poetas e artistas desde que o termo emergiu pela primeira vez em 1926. É um conceito evolucionista proposto por estudos bioquímicos e paleontológicos. Um paradigma multissistêmico que une profecia e análise das tendências atuais do mundo (Argüelles, 2012, p.23, tradução nossa).

Na introdução da obra de Vernadsky “A Biosfera” (1926)³⁸, Jacques Grinevald fala que Teilhard e Vernadsky foram profetas cósmicos da globalização. Se Teilhard era um

³⁸ Vernadsky, V.I. (1926). *The biosphere*. Copernicus, 1998.

místico cósmico, Vernadsky definia a si mesmo como um realista cósmico (Vidal, 2023, tradução nossa). Segundo Vasconcelos e Mariani, 2023, “Teilhard de Chardin fala de “pontos críticos” que a humanidade atravessa ao longo de sua história evolutiva e que marcam a eclosão de novas realidades” (Vasconcelos; Mariani, 2023).

Como vimos anteriormente, Shoshitaishvili (2021, tradução nossa) apresenta a Noosfera como um paradigma antropológico em contraponto ao Antropoceno. Em Bruxelas, o CLEA – *Human Energy* dedica sua pesquisa à fundamentação científica da noosfera, trazendo-a como a “*Terceira História*”, um paradigma capaz de unir ciência e espiritualidade, promovendo a sinergia para as mudanças necessárias de nosso planeta.

Muitos são os artigos, porém poucos em língua portuguesa, que recordam e reforçam a importância da teoria de Teilhard e Vernadsky para o momento em que vivemos. Vidal (2023, tradução nossa) entende que a noosfera, apesar de oferecer um sentido único de esperança e positividade para integração global, ainda permanece pouco estudada.

Teilhard de Chardin (1995, p.4) ressalta que a certeza sobre a esfericidade da Terra ou seu movimento ao redor do Sol foi amplamente defendida e debatida como teoria no plano intelectual muito antes de ser experimentalmente comprovada, seja pelas grandes navegações ou pelos voos espaciais. E complementa “Ver ou perecer. Eis a situação imposta pelo misterioso dom da existência a tudo quanto é elemento do Universo” (Teilhard de Chardin, 1995, p.25). “O Homem não poderia se ver completamente fora da Humanidade; nem a Humanidade fora da Vida, nem a Vida fora do Universo” (Teilhard de Chardin, 1995, p.27).

3

METODOLOGIA

A metodologia deste estudo segue uma abordagem qualitativa e bibliográfica, caracterizada por sua natureza básica. O foco está na exploração de conceitos e no levantamento teórico, buscando aprofundar o entendimento sobre a noosfera e sua relevância como paradigma evolutivo no contexto atual. A pesquisa baseia-se em referências obtidas por meio de fontes acadêmicas recentes, preferencialmente revisadas por pares, consultadas na Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), além de plataformas digitais como *Google Scholar*, *ResearchGate*, Catálogo Capes de Teses e Dissertações e Academia.edu, que oferecem amplo acesso a estudos contemporâneos sobre a temática.

Para garantir uma cobertura abrangente do tema, foram utilizadas palavras-chave em português e inglês, tais como “noosfera”, “consciência”, “tempo”, “lei do tempo”, além dos nomes dos principais autores que fundamentam o estudo: Teilhard de Chardin, Vladimir Vernadsky e José Argüelles. Este conjunto de termos permitiu o levantamento de conteúdos relacionados à noosfera, possibilitando uma visão detalhada das abordagens e interpretações propostas por diferentes pesquisadores e pensadores.

A investigação sobre a obra de José Argüelles inclui, além da análise de livros, a participação em cursos oferecidos pelo Sincronário da Paz, escola dedicada aos estudos da Lei do Tempo vinculada à matriz americana fundada por José Argüelles - *Foundation for the Law of Time*. Esses cursos proporcionaram uma compreensão aprofundada dos conceitos de Argüelles, especialmente em relação ao papel da Lei do Tempo no desenvolvimento da noosfera e no alinhamento entre consciência e tempo natural.

A pesquisa objetiva inicialmente o conhecimento da noosfera a partir dos autores que mais se destacam na literatura acadêmica, explorando suas contribuições e a evolução da abordagem ao longo do tempo. Em seguida, busca-se investigar a atual posição do paradigma da noosfera, verificando sua aplicação e relevância nos debates contemporâneos sobre consciência planetária, evolução humana e transformação social. Além disso, de acordo com a perspectiva de José Argüelles, aborda-se o papel do tempo como fator sincronizador, enfatizando a importância da ressonância entre o tempo natural e a consciência coletiva para o desenvolvimento pleno da noosfera.

4

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Primeiro que o próprio ver é condição humana. (...) porque consiste em organizar sempre mais perfeitamente as linhas do Real à nossa volta (...) Depois – reconhecendo que o Real é gênese, processo evolutivo – compreender que conhecer também é co-nascer, uma vez que, no nosso reconhecimento do Mundo, o próprio Mundo renasce para nós que, nele, com ele e por ele, vamos renascendo e co-nascendo também (Teilhard de Chardin, 1995, p.7).

Na primeira seção, com o objetivo de investigar as origens do termo *noosfera* e suas diferentes vertentes de compreensão, o estudo revisitou as biografias e contribuições de Teilhard de Chardin, Vladimir Vernadsky e José Argüelles. Através dessa análise pode-se

entender a *noosfera* como a nova camada da Terra, a camada pensante, uma nova etapa geológica realizada através do pensamento humano.

Teilhard de Chardin correlaciona a evolução cósmica e a espiritualidade, posicionando o ser humano como eixo da transformação evolutiva, cujo ápice culmina no movimento convergente das partículas reflexivas em direção ao *Ponto Ômega* (Deus). Vernadsky, por sua vez, concebe a noosfera como resultado das manifestações biogeoquímicas da Substância Viva, moldada pelo pensamento científico humano, que atua como uma nova força geológica antes indisponível na biosfera. Já José Argüelles amplia e difunde essas perspectivas, introduzindo a ciência maia do tempo, destacando a consciência sincronizada ao tempo natural como o mecanismo regulador da noosfera.

Autores como Strobel (2023, tradução nossa) e Vidal (2023, tradução nossa) reforçam o papel de sinergias coletivas na ativação da noosfera, destacando-a como um superorganismo planetário. Strobel (2023, tradução nossa) ainda defende que sua plena realização depende de uma cooperação global. Hamilton e Grinevald (2015, tradução nossa) complementam essa visão ao destacar que a transição da biosfera para a noosfera, segundo Vernadsky, ocorre através de uma transformação biogeoquímica contínua, catalisada pelo pensamento humano. Jaseckova e Vartiak (2023, tradução nossa) enfatizam a noosfera como um marco evolutivo em que o *Homo Sapiens*, por meio de sua capacidade reflexiva, atua como protagonista na reorganização do planeta. Edmunds e Bogush (2012, tradução nossa) acrescentam que a percepção de Vernadsky sobre a noosfera como força geológica é uma das maiores contribuições para compreender o impacto do pensamento humano na transformação planetária.

Na segunda seção, com o objetivo de compreender o paradigma antropológico e os desafios associados à transição “biosfera-noosfera”, o estudo revisou o Antropoceno através de Cerdán (2020, tradução nossa) e Shoshitaishvili (2021, tradução nossa), analisando como esse paradigma contribui para as crises globais que caracterizam o mundo contemporâneo por siglas como VUCA (volátil, incerto, complexo e ambíguo) e BANI (frágil, ansioso, não-linear e imprevisível). Tais características que se revelam, como por exemplo, na ansiedade popular ocasionada pela falta de ações governamentais em relação à crise climática (Hickman et.al., 2021).

Shoshitaishvili (2021, tradução nossa) descreve o Antropoceno, catalisado pelo *Great Acceleration*, como um marco geológico autodestrutivo, que desafia a nossa compreensão como espécie e exige uma reavaliação das capacidades humanas em escala global. Cerdán (2020, tradução nossa), por sua vez, destaca os extremos presentes nas discussões sobre uma saída para a crise. De um lado, estão aqueles que acreditam que uma

mescla de boa vontade, tecnologia e inovação podem resolver os problemas atuais por meio de mudanças sutis. Do outro, encontram-se os que defendem que apenas um giro antropológico radical, com mudanças profundas nos sistemas produtivos e nos valores culturais, será suficiente para transformar a relação da humanidade com o planeta. De acordo com Argüelles (2006), superar o paradigma newtoniano-cartesiano, enraizado no materialismo científico, é essencial para que a humanidade enfrente os desafios impostos por uma transição planetária. Esse paradigma, baseado em princípios mecanicistas, bloqueia a possibilidade de uma verdadeira transformação, mantendo a consciência humana em um estado de crise contínua.

Em contrapartida, o estudo mostra que a noosfera se consolida atualmente como uma abordagem teórica relevante no meio acadêmico, através da análise de Shoshitaishvili (2021), de Cerdán (2020), da narrativa intitulada de “*Terceira História*” (Heylighen et al., 2024, tradução nossa), criada pelo grupo interdisciplinar de pesquisas da Universidade de Bruxelas e também conforme o estudo de Jaseckova e Vartiak (2023, tradução nossa), que propõe uma relação mais harmoniosa entre a humanidade e o planeta Terra, entre a ciência e a espiritualidade.

A análise demonstra que as diferentes contribuições autorais convergem para uma visão evolutiva integradora, entretanto, críticas ao conceito, como sua associação a utopias e idealizações, apontadas por autores como Jaseckova (2022, tradução nossa) e Pylypchuk (2024, tradução nossa), destacam a necessidade de maior fundamentação prática, alinhada às complexidades do mundo contemporâneo. A transição de paradigmas, nesse contexto, exige não apenas mudanças socio estruturais, mas também uma profunda metamorfose interior e coletiva, conforme proposto por Teilhard de Chardin.

Na terceira seção, o estudo explorou, com base nos trabalhos de José Argüelles, um modelo teórico oriundo da ciência maia, destacando o papel central do tempo como elemento sincronizador da consciência humana, que por sua vez atua como mecanismo regulador da noosfera. A seção apresentou como preambulo as bases filosóficas sobre o tempo e incluiu as contribuições neurocientíficas de Kent e Wittmann (2021, tradução nossa), que associam a percepção temporal à identidade, reforçando a visão de Argüelles sobre a relação intrínseca entre tempo e consciência.

A análise abordou as origens dos estudos de Argüelles, introduzindo o princípio da Lei do Tempo e os conceitos fundamentais do *Tzolkin*, do tempo natural “13:20” e do sincronário de 13 luas e 28 dias. Essas ferramentas são propostas como alternativas ao padrão artificial “12:60”, baseado no relógio mecânico e no calendário gregoriano, apontado por Argüelles como um dos principais responsáveis pelas crises e desequilíbrios da hu-

manidade. A seção concluiu que a ressincronização com o tempo natural é essencial para ativar a noosfera e promover uma nova etapa evolutiva em que a humanidade se conecta através de sua consciência e se torna uma genuína mente planetária.

Enquanto conceito, segundo autores referenciados, conclui-se que a noosfera demonstra a potencialidade contida no aparelho reflexivo humano, trazendo o pensamento como uma força geológica capaz de gerar transformações antes “insuspeitas” e criar uma camada a mais na Terra. Como um paradigma evolutivo, mesmo diante de críticas e desafios quanto à sua aplicabilidade, apresenta uma perspectiva interdisciplinar e holística relevante, que oferece respostas às demandas globais e promove uma transformação planetária consciente, fundamentada na unidade e na coletividade das mentes meditativas cooperando sinergicamente na construção de um futuro promissor.

Por fim, a análise destaca a centralidade da reflexão na transição para um modelo noosférico, promovendo a reconexão humana com a frequência natural do tempo cósmico e possibilitando um caminho para expansão da consciência coletiva, condição essencial para a ativação plena da noosfera.

5 *CONSIDERAÇÕES FINAIS*

O estudo reforça a relevância da noosfera como uma abordagem essencial para compreender o papel humano na Terra e no cosmos, destacando-a como um novo estágio evolutivo em que o pensamento e a reflexão atuam como uma força geológica.

O estudo aponta também que a instabilidade contemporânea destaca a importância da noosfera como um caminho para uma mobilização planetária que vá além das abordagens políticas, econômicas e científicas tradicionais.

Ao analisar esses modelos, amplia-se a compreensão da noosfera, posicionando-a como uma estrutura conceitual capaz de atender às demandas atuais por sustentabilidade e coesão. A necessidade de um novo paradigma é sublinhada pelas referências autorais ao longo do trabalho que, embora com pontos distintos, convergem na visão de que a evolução humana implica uma ressonância consciente do todo.

Como objetivos do estudo, destaca-se a análise das raízes históricas e conceituais da noosfera, identificando suas vertentes; a compreensão do paradigma antropológico atual e os desafios de uma transição; e o estudo de um modelo teórico que incentive uma transição em direção a uma sociedade mais consciente. Através de uma revisão qualitati-

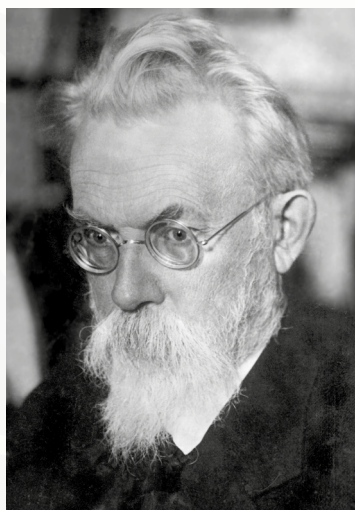
va, o trabalho ilumina o legado dos idealizadores do conceito e enfatiza a contribuição de José Argüelles, que propõe a Lei do Tempo como caminho para a ressincronização com o "tempo natural", segundo ele, fator essencial para a ativação da noosfera e a integração genuína da consciência planetária.

Como perspectivas futuras, o tema sugere o aprofundamento de estudos sobre a Lei do Tempo e seu impacto na saúde coletiva, bem como a implementação de práticas baseadas no tempo natural em contextos educacionais e sociais. Outro caminho promissor é a investigação sobre a integração entre ciência e espiritualidade, ampliando o debate em torno da noosfera como um paradigma que transcende as abordagens antropocêntricas e oferece uma visão holística para a construção de uma “humanidade planetária”, consciente da interdependência entre os indivíduos e o planeta.

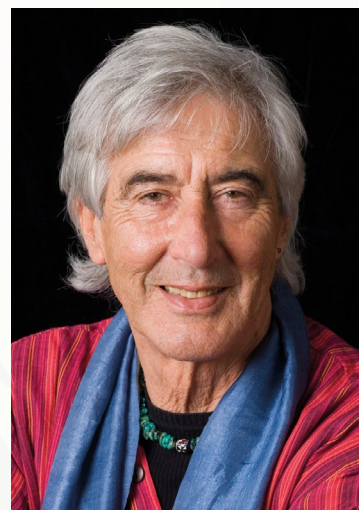
Ao final, esse conhecimento ilumina caminhos prósperos e positivos para aqueles que buscam. Para os que seguem o fluxo natural da existência, espera-se que esse saber os encontre por outros meios como filmes, peças de teatro ou outras formas artísticas, científicas, que promovam a disseminação da cultura da mente. Este artigo também se apresenta como um convite a uma leitura aprofundada dos autores abordados, cujas ideias oferecem uma visão de esperança para a construção de um porvir consciente e noosférico.



TEILHARD DE CHARDIN
(1881-1985)



VLADIMIR VERNADSKI
(1863-1945)



JOSÉ ARGÜELLES
(1939 - 2011)

REFERÊNCIAS

ARGÜELLES, José. *Manifiesto por la noosfera: la siguiente etapa en la evolución de la consciencia humana*. España: Edaf, 2012. p. 205.

ARGÜELLES, José. *O fator Maia: um caminho além da tecnologia*. 13. ed. São Paulo: Cultrix, 2005. p. 231.

ARGÜELLES, José. *O tempo e a tecnosfera: a Lei do Tempo nas relações humanas*. Tradução: Silvia Apolonio, Susana Palaia. São Paulo: Madras, 2006. p. 301.

CERDÁN, Alfonso Esponera. *La noosfera teilhardiana, el antropoceno contemporáneo y la casa común según el Papa Francisco*. *Anales Valentinus: Nueva Serie: Revista de Filosofía y Teología*, Valencia, ano VII, n. 14, p. 329-346, 2020. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=8433965>. Acesso em: 7 out. 2025.

CHARDIN, Pierre Teilhard de. *The formation of the noösphere. The Library of Consciousness*, [s. l.], 1947. Disponível em: <https://www.organism.earth/library/document/formation-of-the-noosphere>. Acesso em: 7 out. 2025.

CHARDIN, Pierre Teilhard de. *O fenômeno humano*. Tradução: José Luiz Archanjo. 14. ed. São Paulo: Cultrix, 1995. p. 393.

CRUTZEN, Paul J. *Geology of mankind*. *Nature*, [s. l.], v. 415, n. 23, 3 jan. 2002. DOI: 10.1038/415023a.

EDMUNDS, W. M.; BOGUSH, A. A. *Geochemistry of natural waters – the legacy of V. I. Vernadsky and his students*. *Applied Geochemistry*, v. 27, n. 10, p. 1871–1886, 2012. DOI: 10.1016/j.apgeochem.2012.07.005.

FALCÃO, Pedro Braga. *Kairos e chronos: duas visões da língua grega sobre o tempo*. *Communio*, v. 33, n. 3, p. 287-294, 2017.

Disponível em: https://www.academia.edu/108605168/Kairos_e_chronos_duas_vis%C3%B5es_da_l%C3%A9ngua_grega_sobre_o_tempo. Acesso em: 07 out. 2025.

GUÉRCIO, Maria Rita. *O cosmismo russo: Konstantin Tsiolkovsky e as viagens espaciais*. *Khronos, Revista de História da Ciência*, n. 12, p. 110-126, dez. 2021. DOI:10.11606/issn.2447-2158.i12p1-17.

HAMILTON, Clive; GRINEVALD, Jacques. *Was the Anthropocene anticipated? The Anthropocene Review*, v. 2, n. 1, p. 59-72, 2015. DOI: 10.1177/2053019614567155.

HEYLIGHEN, Francis; BEIGI, Shima; VIDAL, Clément. *The third story of the universe: an evolutionary worldview for the noosphere*. CLEA: Human Energy, Vrije Universiteit Brussel, abr. 2024. Disponível em: https://cris.vub.be/ws/portalfiles/portal/110058395/Third_Story_working_paper.pdf. Acesso em: 7 out. 2025.

HICKMAN, Caroline; MARKS, Elizabeth; PIHKALA, Panu; CLAYTON, Susan; LEWANDOWSKI, R. Erick; MAYALL, Elouise E.; WRAY, Britt; MELLOR, Catriona; SUSTEREN, Lise Van. *Climate anxiety in children and young people and their beliefs about government responses to climate change: a global survey*. *Lancet Planet Health*, [s. l.], v. 5, p. e863–e873, dez. 2021. DOI: 10.1016/S2542-5196(21)00278-3.

HUBBES, László Attila. *Recombinant revelations: 2012 in millenarian and New Age cyber-apocalypticism*. *Traditiones*, v. 50, n. 3, p. 75–97, 2021. DOI: 10.3986/Traditio2021500304.

JASEČKOVÁ, Galina; KONVIT, Milan; VARTIAK, Lukas. *Vernadsky's concept of the noosphere and its reflection in ethical and moral values of society*. *History of Science and Technology*, v. 12, n. 2, p. 231-248, 16 dez. 2022. DOI: 10.32703/2415-7422-2022-12-2-231-248.

JASEČKOVÁ, Galina; VARTIAK, Lukas. *Vernadsky's concept of the noosphere in a global management environment: searching for ways to exit global crises*. *International Journal of Social Science and Education Research Studies*, Bratislava, Slovakia, v. 3, n. 2, p. 328-331, fev. 2023. DOI: 10.55677/ijssers/V03I2Y2023-15.

KAKU, Michio. *O futuro da mente: a busca científica para entender, aprimorar e potencializar a mente*. Tradução: Angela Lobo. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2015. p. 379.

KENT, Lachlan.; WITTMANN, Marc. *Time consciousness: the missing link in theories of consciousness*. *Neuroscience of Consciousness*, v. 7, n. 2, 2021. DOI: 10.1093/nc/niab011

LAUDATO SI': *a encíclica do Papa Francisco cita um sábio muçulmano e Teilhard de Chardin*. [s. l.], 25 jun. 2015a. Disponível em: <https://ihu.unisinos.br/categorias/169-noticias-2015/543921-laudato-si-a-enciclica-do-papa-francisco-cita-um-sabio-muculmano-e-teilhard-de-chardin>. Acesso em: 7 out. 2025.

LAUDATO SI': sobre o cuidado da casa comum. [s.l.], 2015b. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-Francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html. Acesso em: 7 out. 2025.

LAW OF TIME. *History of the Law of Time*. [S.l.: s.n.], [20--]. Disponível em: <https://lawoftime.org/history/>. Acesso em: 07 out. 2025.

LUCARELLI, Vera Lúcia Moreira Alvez. *Ciência e espiritualidade no pensamento de Teilhard de Chardin. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião)* – Universidade Metodista de São Paulo – UMESP, São Bernardo do Campo, 2019. 125 f.

MAGALHÃES, Gildo; TORREJAIS, Ana. *O Pensamento Científico como Fenômeno Planetário - Vladimir Vernadsky. Khronos: Revista de História da Ciência*, USP - São Paulo, Brasil, n. 4, p. 153–166, 2017. DOI: 10.11606/khronos.v0i4.128883.

PYLYPCHUK, Oleh. *Whether the biosphere will turn into the noosphere?: Review of the monograph: L. A. Griffen. The last stage of the biosphere evolution: monograph*. Kyiv: Talkom, 2024. 200 p. ISBN 978-617-8352-32-5. *History of science and technology*, v. 14, n. 1, 2024. DOI: 10.32703/2415-7422-2024-14-1-284-291.

PYLYPENKO, Svitlana; IVASHCHENKO, Olha. *A Philosophical Discourse of the Earth. Philosophy and Cosmology*, Kyiv, Ukraine, v. 28, p. 22-31, January 2022. DOI: 10.29202/phil-cosm/28/2.

SHOSHITAISHVILI, Boris. *From Anthropocene to Noosphere: The Great Acceleration. Earth's Future*, [s.l.], v. 9, n. 2, 2021. DOI: 10.1029/2020EF001917.

SINCRONARIO DA PAZ. *A matemática do tempo*. [S.l.: s.n.], [20--]. Disponível em: <https://sincronariodapaz.org/matematica-do-tempo/>. Acesso em: 07 out. 2025.

SINCRONICAMENTE: *Livro de Estudos do Tempo*. [S. l.: s. n.], Canela - RS: Sincronário da Paz, 2020

SOUTH, Stephanie. *Acesso Ao Teu Ser Multidimensional: Uma Chave Para a História Cósmica*. [S. l.: s. n.], 2020a. 173 p. ISBN 978-0-9767759-5-9.

SOUTH, Stephanie. *Rainha Vermelha: Iniciação no Coração do Tempo*. 1. ed. Oregon: [s. n.], 2020b. 276 p.

STROBEL, Lilla. Pierre Teilhard de Chardin's evolutionary theology and its reception in theological and scientific literature. *Opuscula Theologica et Scientifica, Scientific Journal of John Wesley Theological College*, v. 1, n. 2, p. 127-137, 2023. DOI: 10.59531/ots.2023.1.2.127-137.

VASCONCELOS, Aparecida Maria de; MARIANI, Ceci Maria Costa Baptista. *Espiritualidade ecológica por "um novo humanismo": aportes de Teilhard de Chardin e do Papa Francisco*. *Perspectiva Teológica*, [S. l.], v. 55, n. 3, p. 671, 2023. DOI: 10.20911/21768757v55n3p671/2023.

VERNADSKY, V.I. (1998). *Living Matter in the Biosphere*. In: *The Biosphere*. Copernicus, New York, NY. DOI: 10.1007/978-1-4612-1750-3_4

VIDAL, Clément. *Pierre Teilhard de Chardin: a visionary in controversy. History and Philosophy of the Life Sciences*, [s. l.], v. 43, n. 125, 2021. DOI 10.1007/s40656-021-00475-7.

VIDAL, Clément. *What is the noosphere? Planetary superorganism, major evolutionary transition and emergence*. *Systems Research and Behavioral Science*, [s. l.], v. 41, n. 4, p. 614-622, 2023. DOI: 10.1002/sres.2997.

VUCA X BANI. [S. l.]: *Pensamento em Gotas*, 2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=KG_2Q4BMpB8. Acesso em: 07 out. 2024

In Lak'ech,
Nicky Klöpsch
@168_kmk